



Rua Fundação Gulbenkian, s/ nº, 4710 - 394 Braga  
T +351 253 600 540  
F +351 253 600 549  
geral@conservatoriodebraga.pt  
www.conservatoriodebraga.pt

nº 5  
2015

# Intrepautas

Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga





## Sumário

- 2 **Semibreve** Editorial
- 3 **O olhar da Ana... sobre a escola** Educar... requer tempo, atenção, conflito, esforço
- 4 **Sinfonietta Geral** O ensino artístico na escola pública
- 5 **Consonância Associativa** A arte do silêncio no servir a comunidade- Homenagem
- 6 **Tutti Allumni** Associação de Estudantes ao serviço do CMCG
- 7 **Entrevista** ao maestro Pedro Carneiro
- 11 **Musical** O essencial é invisível aos olhos
- 15 **Historial** Dona Maria Adelina Caravana
  
- A arte do silêncio**
- 16 À procura do silêncio
- 19 O silêncio na música
- 20 A importância do silêncio
- 21 O silêncio entre o Bem e o Mal
- 24 O que é a poluição sonora
- 25 Afinação total
- 25 Sou faladora
- 26 A igreja do silêncio
- 27 O silêncio da minha velha casinha
- 28 A importância do silêncio
- 30 Os surdos, o silêncio, a música
- 31 Silêncio Auxiliar
  
- 32 **Efeméride** Scriabin
- 33 **Grandes Gulbenkianos** Luís Pipa
- 34 **Minimúsicos**
  - À luz da música
  - O canto da onda
  - À luz da música
  - Somos felizes aqui e assim
  
- Entrenotas** Notícias do Conservatório
- 36 Prémio Jovens Músicos . Edna Fernandes
- 36 II Workshop de Jazz
- 36 Masterclass com Lisetta Rosi
- 37 II Festival de guitarra
- 38 À descoberto do mundo... Visitas de estudo
- 39 Alguns concertos em imagens
- 40 Notícias da Biblioteca
- 42 Diálogos multiculturais
- 42 Evocação do 25 de Abril
- 43 O CMCG nas Olimpíadas de Filosofia
- 43 Pedro Eiras no CMCG
- 44 **Notas desportivas**
- 46 Homenagem
- 47 **Perdidos&Achados** das edições anteriores
  - A Melodia das Palavras
  - Querida Leonor
- 48 **OJ.Com**



Francisca Antunes, 4.º B

## Semibreve Editorial

João Tiago Magalhães, Diretor da revista *Entrepautas*

Imagina calçar umas pantufas e saltar para dentro do cesto, acender o queimador e uuup! Aí vamos nós até ao céu num balão de ar quente!

Lá em cima, a uns milhares de pés de altitude, desligamos o queimador e que ouvimos? Nada. É o silêncio. Uma sensação a guardar, sem dúvida, para a vida inteira. No meio do imenso céu, a observar a extensa paisagem, com as casinhas e as árvores bem lá em baixo. Tudo numa grande quietude. Deslumbrante cenário, mas acho que, com tanto silêncio, eu enlouqueceria!

Neste número da *Entrepautas*, sois convidados a refletir sobre este paradoxo que é o silêncio. Procurado por uns, até sacralizado, é, para outros, revoltante e recusado, segundo o contexto em que se insere. Assim, alunos, professores e encarregados de educação puseram mãos à obra e apresentam-nos agora as diferentes visões que esta palavra lhes pode transmitir.

Ao longo desta fascinante viagem, também podeis conhecer várias personalidades que foram tão importantes para a vida deste Conservatório, como Maria Adelina Caravana, Luís Pipa, o maestro Baptista, o ex-presidente da APEE, Carlos Teixeira, ou ainda o maestro Pedro Carneiro que realizou o estágio da orquestra em julho passado e que, entrevistado por um grupo de alunas do 10.º ano, nos conta apaixonadamente várias histórias da sua vida e revela importantes pensamentos sobre a música.

Espero que gostem. A equipa da *Entrepautas* esforçou-se por fazer o melhor para vós.

É tempo de descer, pois estou ansioso por ouvir música. Como costume dizer aos meus alunos, “A música nasce do Silêncio”.

# O olhar da Ana... sobre a escola

Ana Maria Caldeira, Diretora do CMCG



Educar ...

... Requer tempo, atenção, conflito e esforço!

Os últimos anos trouxeram uma profunda alteração na relação das crianças com os adultos, promovendo-se uma maior e saudável proximidade, quer ao nível das famílias, quer ao nível das escolas. Se há décadas atrás, o respeito vestia a forma de medo e a excessiva distância imposta não era emocionalmente saudável, atualmente o limite entre o desejável e o caótico nesta relação está a tornar-se difuso.

Esta quebra de hierarquias rígidas e amedrontadas fez bem às crianças, aos adolescentes e aos adultos, contribuindo para o desenvolvimento da inteligência emocional e melhoria das relações interpessoais, quando delineadas dentro dos parâmetros socialmente aceitáveis.

Mas quando as fronteiras são difusas ou mesmo ausentes, deparamo-nos com crianças e adolescentes cada vez mais impertinentes, desobedientes e egoístas, em variados contextos. Crianças que crescem com poucos limites e poucos não, no seio de famílias onde o afeto é trocado pelos bens materiais e onde, provavelmente, não há tempo, paciência e sabedoria para educar. Famílias onde não são definidas regras, onde parece que nasceu o medo (ou a preguiça) de contrariar os filhos. Mas criar uma criança tentando não a contrariar e agradar-lhe sistematicamente, mesmo quando não é aconselhável, rapidamente se revela um **erro educativo grave**. Infelizmente, sabemos que as crianças que não sabem elaborar a sua frustração dificilmente poderão estruturar-se de forma saudável, originando, pelo contrário, jovens caprichosos, filhos ditadores e alunos irreverentes.

Desde cedo, saber ouvir um *não*, saber que há coisas que se podem fazer e outras não, saber que há permissões e proibições e ser capaz de crescer com isso, torna as crianças emocionalmente saudáveis e disciplinadas.

Javier Urrea, autor do livro *O Pequeno Ditador - Da criança mimada ao adolescente agressivo*, que é um verdadeiro best-seller, com mais de 200 mil exemplares vendidos em Portugal e em Espanha, pretende ajudar os pais a educar, afirmando que “um filho requer tempo, atenção, conflito e esforço” e garante que se não for assim, se estão a criar “pequenos ditadores”.

A escola que temos hoje já identifica alunos com estas características.

Esta minha reflexão é dedicada aos pais educadores que se demitem de o ser.



# Sinfonietta Geral

## *O Ensino Especializado da Música na Escola Pública*

Ana Paula Carreira, Presidente do Conselho Geral

Num contexto sociopolítico em que se debate diariamente a escola pública, cabe aos agentes educativos do ensino especializado desvelar o papel deste tipo de ensino e a mais-valia que representa na sociedade. As recomendações do Conselho Europeu e de todas as instituições internacionais de tratamento de dados, incluindo a OCDE, vão no sentido de que a ciência, a cultura e as artes são essenciais na educação dos cidadãos. São estes saberes que potenciam o conhecimento, a compreensão, a imaginação, o desenvolvimento de competências e o pensamento crítico, o que leva à formação de cidadãos capazes de interpretar melhor o mundo e de interagir com os outros. Um país que segue este caminho terá como consequência a construção de uma sociedade mais desenvolvida, competente, justa, igual e livre.

A arte está para além da ciência mas é, também, fonte de conhecimento e de sonho. Através dela, o homem compreende-se, realiza-se mais plenamente e ganha apetência para a busca da qualidade e da perfeição. É assim que podemos alcançar uma aproximação aos valores universais do Bom, do Belo e do Bem. Relativamente à Música, já existe um grande consenso sobre a necessidade da literacia musical, não só como fator decisivo para a criação de riqueza de um país, bem como da qualidade do seu ensino. O ensino especializado da música deve ir além das literacias básicas e cumprir a sua essência que é a de dar uma formação de elevado nível técnico e artístico assente em valores éticos e estéticos.

Em Portugal, a Constituição da República Portuguesa é o garante do direito de todos à educação, à cultura, à fruição e à criação cultural (cap. III, artigos 73<sup>o</sup> e 78<sup>o</sup>). Cabe ao estado a sua democratização, incentivando e assegurando o acesso a todos os cidadãos. Aqui entra o ensino especializado da Música na escola pública, “categoria” onde está inserido o Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga (CMCGB) que é um exemplo vivo e paradigmático do papel que desenvolvem as instituições desta natureza. Para além das funções supracitadas deste tipo de ensino, as instituições transcendem o seu papel e tornam-se verdadeiros agentes culturais numa interação dinâmica com as comunidades locais e nacionais. Num contexto de grandes constrangimentos sócioeconómicos, não é possível ignorar a mais-valia que representa o seu contributo à política cultural do país ao qual subjaz um espírito de missão – verdadeiros prestadores de serviço público. A sua intervenção transcende a formação estendendo-se à criação, criação de novas dinâmicas culturais, formação de públicos, divulgação da música erudita e solidariedade. Assim se tornam garante do acesso à educação, cultura e fruição para todos num mundo em que a visão do ser humano e do que o rodeia não pode deixar de ser holística.

O CMCGB orgulha-se do seu ser público e, com a vontade e o esforço coletivo, cumpre, dia a dia, a sua missão.



# Consonância Associativa

## A arte do silêncio no servir a Comunidade - Homenagem

Armando Gama Ribeiro, Presidente da Direção da Associação de Pais e Encarregados de Educação do CMC

*"O silêncio é um momento vivificante de graça, em que a criatura se cala, mas o espírito fala"*

O Silêncio é um valor de excelência que, quando bem gerido, pode fazer toda a diferença. Esta máxima aplica-se também nos dois casos que vou aqui explicar:



### Primeiro:

O anterior Presidente da Direção da Associação de Pais e Encarregados de Educação da Escola Calouste Gulbenkian, Carlos Teixeira, durante dez anos, foi membro da Direção. Os seis últimos como presidente. Todo o trabalho que desenvolveu em seis anos, com a arte do silêncio como apanágio. Seis anos onde as situações que surgiram foram resolvidas sem que se desse por isso e com a eficácia necessária para que não existisse controvérsia, nem propaganda que poderia ser perfeitamente aceitável. Mas a grandeza de quem faz o que o Carlos Teixeira fez foi somente a grande capacidade de, enquanto os seus filhos foram alunos do Conservatório Calouste Gulbenkian, pôr ao serviço dos restantes pais as suas competências, sabendo que iria utilizar o seu tempo pessoal para apoiar e sustentar uma obra de grande importância para a comunidade escolar, onde o único ganho a obter é o de saber que se contribui para uma causa comunitária, que colmata determinadas lacunas que, a não existirem, causariam muitos problemas aos pais e encarregados de educação da Escola Calouste Gulbenkian.

Passaram seis anos, muitos dos pais e encarregados de educação não se aperceberam sequer do muito trabalho e dedicação que foram aplicados pelo Carlos Teixeira, para que muitas das situações que ocorreram tivessem uma resolução que não extravasasse para os pais e encarregados de educação. A isso, chamo a arte do silêncio.



### Segundo:

O Nome por que é conhecido e reconhecido é Maestro António Baptista. Não obstante ser jubilado, continua a ser o maestro do Coro de Pais da Escola Calouste Gulbenkian de Braga. Foi professor e Maestro da escola Calouste Gulbenkian. Todas as semanas vem de Vila da Feira, local de residência, para ensaiar os pais dos alunos da Gulbenkian. Ao ensaiar está também a educar os pais para a música, dando assim um grande apoio na aprendizagem dos pais para que estes possam melhor entender os seus filhos na linguagem própria que é a música, nomeadamente na sensibilidade para os pormenores e detalhes que se adquirem ao frequentar o coro. Cada ensaio é um momento de aprendizagem, para além do convívio e sã convivência entre todos os elementos do coro. O Maestro António Batista é, sem dúvida, o grande responsável pelo ambiente excelente que reina no coro. É de louvar todo o seu saber e a sua humildade, aliados à simplicidade de um génio como o maestro. Os anos de trabalho que dedicou à arte de ensinar na nossa Escola concederam-lhe a autoridade de poder decidir sobre o vir ou não vir, tendo que percorrer vários quilómetros, mas o seu amor pela arte da música, a sua necessidade de continuidade de ligação à escola Calouste Gulbenkian faz com que, na arte da gestão do silêncio, continue a prestar um serviço de utilidade pública que pode passar despercebido à maioria das pessoas, mas que momentos como este servem para dizer:

Obrigado!

A arte do vosso silêncio, na prestação dos serviços acima referidos, fica aqui quebrada por obrigação moral de se fazer minimamente justiça pelos feitos em prol da nossa comunidade.

# Tutti Alumni



## *Associação de Estudantes ao serviço do CMCG*

Aurora Miranda, 11.º A

O ano lectivo de 2014/2015 foi, para o nosso Conservatório, um ano de mudanças e progressos, confusões e regressões. Ainda assim, no meio de tudo isto, é de destacar o reaparecer de uma Associação de Estudantes após muito árduo trabalho por parte de vários alunos e superiores cá da escola. Havia já cerca de meia dúzia de anos que o Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga assumia a falta de uma Associação de Estudantes, tanto por parte dos professores, como por parte dos alunos. Criaram-se as listas, debateram-se opiniões, foi-se a votos e, segundo os cálculos, ficou escolhida a lista A, embora a diferença para a lista parceira (Lista B) não se tenha revelado propriamente grande.

E assim foi. No dia 22 de Maio de 2014, tomaram posse os órgãos da Associação de Estudantes, tendo Rafaela Salgado e Patrícia Pinheiro ficado como presidente e vice-presidente, respectivamente.

Mas a questão mantém-se: “Qual a necessidade de haver uma Associação de Estudantes?” Antes de tudo, é necessário perceber que não se trata meramente de um conselho que visa satisfazer caprichos de alunos incoerentes ou matar a ânsia de fama dos seus responsáveis. Não é para ficar bem na silhueta nem para que a escola possa, por si só, adquirir mais qualidades. Ao contrário disto, todos sentimos a necessidade de um elo entre o corpo docente e o corpo estudantil para reduzir ao máximo as lacunas da comunicação, outrora naturalmente regulares, e é nesse campo que a AE tem intenções de agir.

Tratando de questões mais práticas como, por exemplo,

organização de eventos e actividades, a Associação permite lembrar aos organizadores responsáveis as necessidades dos alunos a ter em conta. Quantas são as vezes em que, para poder ir tocar a algum concerto, “dava jeitinho” ter transporte para não chegarmos molhados. E quando nos apercebemos de que era uma ótima ideia proporcionar aos alunos a experiência de, enfim, qualquer coisa... a Associação está cá para isso, o que não quer necessariamente dizer que possa permitir que tudo se faça, que tudo aconteça. Enfim, somos o megafone dos alunos desta escola para que se façam ouvir e, portanto, pedimos compreensão nesta fase inicial (na qual muitos de nós se deparam com tanta coisa a tratar), para qualquer eventualidade que esteja em falta.

Para concluir, a nossa Associação não é perfeita, mas procuramos a cada dia lá chegar. Nenhum dos seus membros vive para a organização da AE a tempo inteiro. Temos a mesma carga horária prevista para os estudantes tal como todos e, por isso, há sempre muita coisa para gerir. Fases mais complicadas, outras mais calmas, mas tentamos juntar-nos e conseguir, “em equipa”, contrariar os problemas que surgem, naturalmente, do funcionamento de uma instituição como esta e, quando possível, evitá-los. Lembremo-nos que o nosso Conservatório tem agora uma Associação de Estudantes e que estamos todos ao serviço de todos. Podem contar connosco!

\* autora escreve segundo a antiga ortografia



## *O Maestro Pedro Carneiro partilhou as suas ideias e projetos*

João Tiago Magalhães, AI, Aurora Miranda, Beatriz Magalhães, Laura Oliveira, 11.ºA

**Entrepautas (EP) - Pedro Carneiro, o maestro, não começou logo por tocar percussão. Tocou trompete, violoncelo e concilia, também, percussão com direção de orquestra... O que é que o fez começar a interessar-se especificamente pela percussão?**

Pedro Carneiro (PC) - Eu toco um instrumento do séc. XX, portanto o nosso repertório é dos séculos XX e XXI. Como tal, senti uma grande necessidade de procurar nutrir a música que eu tocava, que é do presente, com o conhecimento do passado. Esta seria a única forma de eu poder trabalhar, em primeira mão, a música que levou àquela que eu toco atualmente. Mais do que uma ideia de ter uma carreira como chefe de orquestra, foi uma necessidade cultural. E isso a par de, se eu pudesse, querer aprender todos os instrumentos, porque tenho uma curiosidade infinita por todos eles, pelo seu mecanismo e pela prática historicamente informada. Tenho uma curiosidade que é a minha maior virtude, mas também o meu maior defeito! Por isso a direção de orquestra nasceu dessa necessidade.

**EP - O Pedro junta três atividades musicais: o instrumentista, o compositor e o maestro. Acha que isso é uma característica do músico do séc. XXI, por oposição ao músico do séc. XX, que era um especialista só num determinado repertório?**

PC - Eu acho que um chefe de orquestra tem obrigatoriamente de tocar um instrumento. Não precisa de ser um gigantesco virtuoso, mas tem de ter essa necessidade, pelo simples motivo de um instrumentista lidar com a fi-

sicalidade do som, ter de encontrar uma realização física de um documento, porque esse documento – a partitura – não é a música. A partitura da *Scheherazade* é a partitura da *Scheherazade*. A *Scheherazade* só existe quando se manifesta, quando há um grupo de pessoas, de jovens maravilhosos que a querem tocar. A *Scheherazade* é naquele momento. Então essa realização física é essencial para qualquer chefe de orquestra, porque esse contacto direto com o som e com o seu mecanismo é o que pode permitir perceber, por exemplo, quando um trompetista pode ter a boca seca, ou sentir que há uma fragilidade na passagem das violas, e que é preciso uma certa atenção; sentir que há uma passagem complicada no trombone, um pianíssimo nos metais, um coral, e que tem de se dar a entrada mais ou menos específica - é essa a sua relação com o som.

O compositor trabalha com a anatomia do som, sabe onde estão o baço, os rins, os pulmões do som e da música, e lida com essa prática, é esse o seu conhecimento. Para compositores como Buxtehude, Brahms, Liszt, ou o próprio Haydn, que tocava violino com orquestra, essas práticas eram perfeitamente naturais, porque para haver música alguém tinha de a compor e, como não havia transmissão de partituras assim por aí fora, em qualquer evento era preciso pedir a alguém que escrevesse música para esse efeito. Portanto, essa especialização é muito recente. Também o chefe de orquestra é uma realidade muitíssimo recente e continuo a senti-la com essa ligação aos compositores, que eram compositores-intérpretes. Quando era preciso, iam tocar uma sinfonia sua; era o pai da criança que ia, obviamente, conduzir a orquestra. Estas questões nutrem a minha curiosidade incessante.



**EP- Como compositor, gosta de compor para diferentes atividades artísticas, como o teatro ou o cinema. Não seria mais fácil, para si, compor para marimba, por exemplo?**

PC - Não... Eu tenho feito música de concerto e, nos últimos anos, fiz a música para um documentário do Jorge Silva Melo, fiz a música para a peça de teatro *O Rei Édipo*, e tenho colaborado, também, com coreógrafos, com o cinema... Não foi nada que eu tenha procurado especificamente, mas foram as pessoas que me procuraram, talvez por saberem que tenho conhecimento em várias áreas e, como o meu próprio trabalho é transversal, poderei compreender de uma forma mais flexível aquele tipo de trabalho. Por exemplo, escrever para cinema é imensamente ingrato. Tem de se idealizar música que pode ser cortada a qualquer momento. “Olha, aqui é preciso tirar dois segundos”, ou “aqui preciso de mais quatro segundos”... Por isso é necessário ter uma flexibilidade própria e compreender o meio para que se está a escrever. Mas gosto, gosto de fazer esse trabalho.

**EP - O músico, para se tornar um maestro, há de ter tido uma altura, na vida, mais decisiva, ou foi tudo natural? Nasceu, cresceu e agora é maestro, ou nasceu, cresceu, aprendeu, e teve aquelas fases mais inconstantes em que ficou indeciso, mesmo dentro da música, entre ela e outras áreas, mesmo dentro das artes, ou não?**

PC - Não, nem por isso. Nunca tive uma outra ideia espetacular que gostasse de fazer. Quanto a dirigir, isso começou na Guildhall em Londres, onde estudei. Durante um ano, um grande amigo meu, que é compositor, tinha um workshop de composição de 15 em 15 dias, às sextas-feiras. Como os alunos de direção de orquestra estão muito ocupados com muitas outras coisas, ele veio-me pedir se eu o podia ajudar, e eu fui. Um dia era, imagine-se, um trio de cordas, um decateto, depois um septeto, as peças dos

compositores da escola. Um dia eram mais ou menos, outras catastróficas, e fazíamos sessões de leitura onde estavam os professores de composição que davam várias indicações. Portanto, comecei a fazer isso e, pouco a pouco, acabei por ser um dos alunos que, naqueles quatro anos, dirigiu mais, porque me pediam para dirigir, por exemplo, os grupos de música de câmara. Acabou por ser uma espécie de acidente. Era uma coisa que eu gostava de fazer, mas eu estava focado a estudar o meu instrumento (que era a única coisa que eu fazia). Levantava-me às 6 da manhã, estudava até cair para o lado, depois voltava para casa e voltava a repetir... Por isso, a experiência de dirigir foi uma coisa interessante porque me ajudou a socializar com outros músicos e tive a sorte de ter uns colegas muito simpáticos que também me iam ajudando. Mais tarde, inscrevi-me no curso livre de direção de orquestra, onde estive dois anos, porque o curso tinha muitas disciplinas de análise e harmonia muito interessantes que eu gostava de fazer. Acabou sempre por ser um complemento para o meu trabalho enquanto intérprete.

**EP- Considera-se um músico completo?**

PC - Não. Considero-me um músico muito incompleto. Muito ignorante. E o mais grave é que há muito pouca coisa na direção de orquestra que tem a ver com música. Porque é um meio de comunicação. Vocês, instrumentistas, têm sempre a liberdade de tocar exatamente como querem durante os concertos. Eu não tenho poder nenhum de vos obrigar a tocar seja o que for, como eu idealizei. E se isso acontecer, vocês têm toda a legitimidade porque é sinal que eu não fiz bem o meu trabalho. Portanto, há 90% do trabalho do chefe de orquestra que tem uma parte de tio, padrinho, psicólogo, psiquiatra. Há, assim, uma série de valências, a de diplomata, político, professor. Uma coisa é um indivíduo virar-se para alguém e dizer “isso é horrível, pode ir para casa”, outra coisa é dizer “Uau, boa, adoro a energia com que estás a tocar isso. Se calhar vamos ver aquela passagem que tem de ser um bocadinho mais expressiva, mas vamos lá chegar de certeza”. São duas coisas completamente diferentes e essa componente da comunicação é que é fascinante.

**EP- Disse, uma vez, no Jornal de Negócios, que a Orquestra de Câmara Portuguesa (OCP) é muito mais do que uma orquestra. Pode explicar este projeto e o que trouxe de inovador, assim como a receptividade do público?**



PC – A OCP nasceu de uma necessidade tanto minha como dos seus fundadores. José Augusto Carneiro, o meu pai, a Teresa Sines, ex- bailarina e coreógrafa, o Alexandre Dias, que vem das letras e da filosofia e eu sentimos que havia muitos jovens profissionais tão bons em Portugal que não tinham a oportunidade de trabalhar juntos num fórum que juntasse, que tivesse como objetivo maior a excelência e que os premiasse pelo seu mérito artístico. Portanto a OCP acabou por ser muito mais do que apenas uma orquestra. Tivemos de criar uma série de subprojetos. Começamos com a OCP Solidária, que trabalha semanalmente na Cerci Oeiras com pessoas com deficiência mental; a OCP Zero, a jovem orquestra portuguesa; temos outro projeto, a OCP 2, uma orquestra com músicos amadores das bandas filarmónicas do país todo. Já fizemos cinco ou seis concertos, e estes projetos, no fundo, vão nutrindo cada músico, informando e explicando à sociedade que a música e a arte são importantíssimas para todos, porque são um exemplo de democracia, porque a arte, como disse, aliás, esta manhã, tem como dever não ceder ao compromisso, que é exactamente o contrário da política. A política é sempre um compromisso de conseguir fazer com que, abdicando deste valor e daquele, se encontre uma solução que é aceitável para toda a gente. Ora, o fabuloso da arte é exactamente procurar um ideal e, por ser um projeto idealista, tem exactamente essa missão, que é, no fundo, uma tarefa hercúlea: fazer com que a OCP se torne, nos próximos anos, uma das melhores orquestras de câmara do mundo. Melhor, não no sentido de ser mais limpa e mais afinada, mas a que tem como valor máximo a ética. Essa é uma tarefa gigantesca e difícil de levar a cabo em Portugal, por ser um país onde existe pouquíssima mobilidade social, por ser um país onde, na geração dos meus pais que lidou com o 25 de abril, a autoestima ainda é baixíssima, por ser um país que continua a não encontrar satisfação pessoal nos seus próprios sucessos e a ter como passatempo um sinal que é “tirar a água do capote” - a culpa nunca é minha, é sempre de outra pessoa. Nós, o que estamos a fazer aqui é um bocadinho remar contra a maré. É um projeto que tem

pouquíssimo apoio do estado, como tal, baseia-se no apoio da sociedade civil, em empresas, etc. Como o mecenato é praticamente inexistente, o nosso trabalho é uma espécie de evangelização para a filantropia. Os meus cabelos brancos são quase todos deste que é, sem dúvida e até agora, o projeto da minha vida, mas que é uma tarefa para a qual são precisas muita paciência e resiliência.

**EP- Como vê a escola de percussão neste país? Acha que está muito longe do que se faz no estrangeiro ou considera que há uma escola que pode ser uma referência?**

PC - Eu tive que me ir embora de Portugal porque não havia curso superior de percussão em 1993. Portanto, a volta foi tal que, hoje em dia, existem cursos de percussão espalhados por todo o lado, 5 ou 6 cursos superiores de percussão em Portugal.

Em 93, nas escolas profissionais havia duas ou três marimbas de cinco oitavas. Hoje em dia, devem existir umas trezentas, por isso, acho que, em vinte anos, o trabalho foi absolutamente notável e se deve, claramente, a uma série de pessoas que tiveram uma “linha” diferente. Algumas que estiveram lá fora, voltaram e investiram fortemente no ensino e acho que no futuro. Como refere Saramago, num dos seus livros, citando Alejo Carpentier, que “todo o futuro é fabuloso”, penso que essa é a situação da atual percussão em Portugal. Há, neste momento, ferramentas para se fazer um trabalho fabuloso porque já existe uma tradição. Os cursos de percussão têm imensos jovens interessados. Não sei o que se vai fazer com tanto percussionista, mas isso é já um problema que não é nosso. A nossa tarefa é formar e informar, e com certeza que, com engenho, se encontrará lugar para tanta gente. O que importa é fazer o que nós fizemos que é encontrar, criar um nicho de mercado.

Há imensos tipos de trabalho que se podem fazer. A percussão tem uma coisa extraordinária, e que é uma metáfora que me continua a encantar, é a de que “os percussionistas são vagabundos”. São vagabundos porque não têm instrumento. E, o facto de não terem instrumento, permite-me descartar qualquer preconceito estético para com o som. Da mesma forma que um pianista, ou um violinista, por exemplo, poderá declarar que um som pode ser feio ou poderá ser grandioso, para um percussionista, basicamente, um som serve ou não serve um propósito. Tanto faz que venha de uma lata de conservas como de uma marimba de vinte mil euros - é o som pelo som e a pureza desse som. É isso que mais me fascina na percussão.

# Entrevista

**EP- O maestro mantém uma vida muito ocupada. Consegue conciliar as suas três áreas na música com o seu foco inicial que é a percussão? Arranja sempre um tempinho para ela?**

PC - É difícil, mas tenho de ter uma prática, tenho de ser muito organizado para conseguir manter-me em forma. É uma das coisas mais difíceis de gerir, conseguir estar em forma sempre, mas é uma questão de organização pessoal e de gestão do meu tempo. É óbvio que, se estivesse à frente de uma orquestra que já tivesse meios, “staff” e por aí fora, não teria tantas responsabilidades como as que tenho hoje, por isso, preciso de gerir a minha agenda com um ano de antecedência e planear quando é que posso estudar. Eu sei, por exemplo, quando é que vou estar a estudar no dia 17 de julho de 2015. Por bizarro que possa parecer, é assim que tenho de planear o meu estudo individual, seja a aprendizagem de partituras, seja o estar em forma a tocar de forma meticulosa.

**EP- O maestro tem muita atividade no estrangeiro. Sente que há alguma diferença significativa, quer no trabalho que se desenvolve, lá fora, nas orquestras, quer no apoio que outros países dão aos artistas?**

PC – Nesse aspeto temos de ter algum cuidado. Nós costumamos dizer “lá fora”, mas o “lá fora” é muito grande. Por exemplo, a situação da música erudita no Gana é inexistente, ou no Egito é muito complicada, na Turquia também não é fácil e Berlim é, obviamente, outro caso. Nós temos de perceber a nossa situação, o nosso contexto histórico, daí que o conhecimento histórico seja tão importante para compreendermos que somos uma jovem democracia e entendermos os atentados que têm sido feitos relativamente à cultura. Foi bom ouvir o que António Costa disse no Público (obviamente que uma parte é demagogia) que, se um dia ganhar as eleições, recupera o Ministério da Cultura... E realmente a cultura é a espinha dorsal de um povo, é o que nos identifica. A culpa disto tudo é nossa, porque Portugal somos nós, e essas diferenças que se sentem em países que realmente apoiam a cultura, não são os países que as criam, são as pessoas. O maior mecenas individual da Ópera Estadual de Berlim é um senhor que tem uma cadeia de talhos, portanto há que perceber esse contexto.

Em Portugal, a dificuldade prende-se com o facto de, ao longo das recentes mutações políticas, o Estado ter cada vez menos papel na cultura e querer aproximar-se do modelo anglo-saxónico que tem uma componente nos Estados Unidos. É normal, por exemplo, que o Metropolitan de Nova Iorque tenha mais de 95% do seu orçamento que



vem dos privados e, portanto, há riqueza para distribuir. Só que, em Portugal, não há uma tradição de mecenato, de filantropia. Se nós vamos pedir dinheiro a uma empresa qualquer, mandam-nos para o ministério da Cultura. Há pouca recetividade ou dá-se pouca importância a este tipo de investimento, pois está generalizado que as pessoas que recebem subsídios e que trabalham na cultura fazem um trabalho completamente supérfluo.

Também é verdade que os artistas têm de perceber que têm de trabalhar para a comunidade, que, ao receberem um subsídio, este deve ter um retorno social de volta à comunidade. Ou seja, o Estado pode dar-me um milhão de euros para fazer um projeto, eu vou convidar os maiores craques, os maiores pianistas do mundo que cobram 100 mil euros de cachet e faço um concerto em minha casa. Mas também posso convidar o Askenazy e mais não sei quem, que ficam aqui 15 dias a dar aulas à borla e a fazer palestras para as escolas do país inteiro. Ok, nas duas situações é o mesmo dinheiro que é gasto, porém, não têm as duas o mesmo retorno. A segunda é um investimento no país em prol do progresso, porque a informação e a cultura são o início de tudo. Se as pessoas têm conhecimento e cultura, se estão informadas não precisam de sofrer, por exemplo, violência doméstica, porque sabem que têm opções. E isso é que permite chegar à liberdade.

A música também tem esse papel na sociedade. Vocês têm, na vossa geração, que chegar às pessoas. Isto não tem a ver com o “ah, precisamos de mais público, então vamos fazer concertos de rock, com orquestra, e a malta vai curtir”. Não ganha o rock, que funciona perfeitamente e não precisa da orquestra, e não ganha a orquestra porque a música clássica é chata. Quem vier dizer o contrário está a mentir. A música clássica não é fixe, é chata! E isso é ótimo! Porque é uma forma de pensamento e aprender trigonometria também é chato. E a música erudita é realmente chata porque obriga a concentração, obriga a refletir, obriga a pensar, e se esse caminho cultural já estiver feito nas escolas, ela será vista pelo público como um desafio e não como uma tortura. Portanto, nós temos um papel importantíssimo na sociedade. É a forma como vejo a música erudita.

## *“O essencial é invisível aos olhos” – O príncipezinho, de A. Saint-Exupéry*

André Ruiz, Introdução às técnicas de Composição



Ao longo dos anos, o Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga tem-nos habituado à apresentação anual de um espetáculo, envolvendo não só um número de meios logísticos considerável, mas também toda a comunidade educativa da qual faço parte, com todo o gosto. Este ano letivo não foi exceção, tendo-se realizado o espetáculo *The Little Prince(ss)*, concebido a partir da ópera *The Little Prince*, da compositora Rachel Portman, ambos baseados no livro de Antoine de Saint-Exupéry, *Le Petit Prince*. A escolha da obra fez-se no sentido de criar um espetáculo com base numa obra intemporal, aberto a muitas leituras, e de dar a conhecer aos alunos repertórios de cariz literário e musical.

Os espetáculos decorreram no Theatro Circo, em Braga, nos dias 12 e 13 de fevereiro de 2015, registando-se uma grande recetividade por parte do público.

Houve, como sempre, uma grande entrega por parte de todo o grupo de trabalho, constituído por professores, assistentes operacionais e alunos, que trabalharam diretamente na conceção deste espetáculo, e da direção que possibilitou todos os meios possíveis e necessários para a sua realização. Realço o facto deste grupo ter feito um esforço

hercúleo, reservando todos os fins de tarde, depois das aulas, e fins de semana, sempre com grande entusiasmo.

Sempre achei importante a realização destes eventos no sentido de mostrar aos alunos todo o grau de trabalho e de profissionalismo na preparação e realização. Foi uma enorme satisfação envolver-me neste projeto, pois permitiu-me estabelecer uma relação próxima de trabalho e amizade com professores e alunos. A interação criada permitiu o desanuviamento, de uma certa forma, do distanciamento na relação professor-aluno, permitindo que o aluno se aperceba melhor do trabalho que fez, havendo intercâmbio de conhecimento nas respetivas áreas de trabalho. Tudo foi discutido ao pormenor e nada foi desaproveitado no reforço da experiência e do conhecimento, sendo estes passos fundamentais para a interiorização da ideia de responsabilidade.

Dou, por mim, satisfeito por verificar o grau de entrega e de profissionalismo demonstrados pelos alunos e o brilho nos olhos de cada um deles, no fim de cada atuação. Congratulo-me, também, por saber que estas sensações e experiências ficarão, com certeza, na sua memória.



# Musical

Reportagem fotográfica - os ensaios





Reportagem fotográfica "The Little Prince(s)



## Memórias de uma grande Senhora

Filomena Vasconcelos, Expressões



Conheci a S<sup>a</sup> D. Maria Adelina Caravana Rigaud de Sousa pouco após ter feito três anos de idade, quando integrei um pequeno grupo de alunos de educação musical. Foi uma experiência por ela iniciada em Braga para o ensino precoce da música. Nesse grupo, não éramos mais de seis e não refiro nomes por recear errar algum. Tínhamos aulas numa pequena sala do rés-do-chão de um edifício no denominado “Campo Novo”. O edifício era propriedade do Brigadeiro Caravana, pai da D. Maria Adelina Caravana, senhor de grande prestígio e poder económico que sempre apoiou demonstrando carinho para com o projeto da filha - o sonho de construção de uma escola artística segundo modelos inovadores de ensino. O Brigadeiro Caravana era uma figura assídua e presente em todos os momentos significativos da escola e foi o seu patrocinador inicial, quer através do seu grande poder económico, quer promovendo-a através do seu grande prestígio social.

Este depoimento sobre as minhas recordações sobre a pessoa da S<sup>a</sup> D. Maria Adelina Caravana gostaria que não parecessem um elogio fúnebre e vazio, o que seria injusto para com a pessoa em causa e porque, em verdade, esta é a minha oportunidade de reconhecer publicamente uma grande Senhora que prosseguiu um sonho que era mais que apenas “seu”, pois tudo fez para o partilhar com todos e para que todos beneficiassem do desenvolvimento cultural da nossa sociedade. Quanto ao relacionamento pessoal, muito poderia contar, mas limito-me a enaltecer uma Senhora detentora de uma educação exemplar que se relacionava com todos com enorme gentileza e atenção (mesmo em momentos em que sei ter sido mal tratada por vicissi-

tudes de um período histórico). Transmitiu-me sempre a imagem de ternura que ainda hoje guardo. Como professora (Educação Musical e Piano) sempre foi incentivadora, exigente e muito dedicada.

Partindo desse pequeno grupo inicial, criou uma parceria com a Câmara Municipal de Braga, dando início ao Conservatório Regional de Braga. Mudou, umas três vezes, de local até chegar ao atual edifício e ao projeto inicial de um conservatório que englobava uma escola de ensino artístico mais abrangente. A escola estava inicialmente pensada para englobar um amplo espectro artístico e, para além do ensino da música, ensinava pintura, escultura, cerâmica, fotografia (trabalho em imagem), bailado e teatro. O projeto inicial contava com uma secção de ensino pré-escolar e apenas uma turma de ensino integrado por ano letivo, destinada a alunos excepcionalmente dotados que demonstrassem merecer tal estatuto. Pouco tempo após a inauguração do projeto da Escola Piloto, deu-se o 25 de Abril e iniciou-se a adulteração progressiva desse projeto inicial (o qual nunca mais veio a ser retomado). Lembro, com carinho, a atenção que dedicou na fase final da construção do atual edifício à escolha das árvores e plantas para os espaços exteriores – fazia questão que os recreios dos alunos estivessem sempre bem cuidados. Para o ensino das línguas, havia “estúdios de línguas”, salas equipadas com aparelhos áudio para cada aluno em ligação ao professor e, junto com a biblioteca, havia uma fonoteca com cabines de audição. O auditório que hoje tem o seu nome foi, nesse período inicial, também utilizado como sala de exposições.

Ao longo de toda a década de sessenta, organizou a programação de concertos com executantes reconhecidos, em conjunto com a Câmara Municipal e a Biblioteca Pública de Braga, trabalho que manteve com regularidade quase mensal ao longo de alguns anos.

Todos os que ao longo dos anos têm trabalhado e estudado nesta casa, a ela o devem. Trabalhou e lutou com empenho por concretizar um sonho de que todos beneficiamos. Quando partiu, todos ficamos mais pobres - mesmo aqueles que não tiveram o privilégio de com ela conviver. Um imenso bem-haja, D. Maria Adelina Caravana Rigaud de Sousa, por ter sido tão generosa.

Um beijo de saudade.

# A arte do silêncio...

## À procura do Silêncio

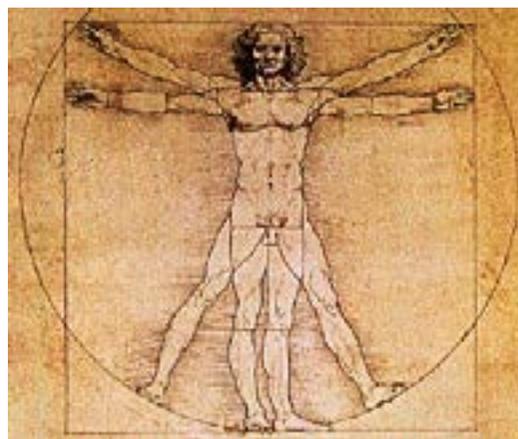
Ana Moura, Análise de Técnicas de Composição\*

É no silêncio que as mentes se libertam e se elevam para atingir o sublime, ditando reiteradamente os avanços da humanidade sobre si própria. Se do silêncio se impulsiona a criação, também daí pode frutificar a comunicação entre o criador e o fruidor.



Na Idade Média, acreditava-se que, para que se desse a união entre o “Eu espiritual” e o “Deus Universal”, seria necessário estabelecer um isolamento quase hermético do indivíduo, afastando-o de toda a distração e ruído. Essa ligação tinha como cenário ideal os sombrios e desmesurados mosteiros e igrejas, cujos habitantes (frades, padres, freiras...) se uniam ao divino, quer de uma forma mais íntima e directa, através do retiro e da oração, quer de uma forma mais votiva e transcendental, entoando a monodia gregoriana. Esta música austera e intencionalmente ascética constituía-se como um prolongamento do próprio silêncio – servia exclusivamente para comunicar e exaltar o “Deus Todo Poderoso” e, por isso, despojava-se voluntariamente de todo o ruído. Silenciando a pulsação rítmica, a emotividade e o virtuosismo composicional, o Homem medieval sacrificava as suas pulsões ao vazio, corporizando uma concepção eminentemente teocêntrica do Universo.

No Renascimento, saído dos obscuros mosteiros e renascido, qual fénix, das cinzas da imensa escuridão medieval, o Homem atribui ao silêncio, outrora pano de fundo da comunicação mística, o cariz de condição necessária à sua própria criação. Equilibrando melhor a postura de contemplação da criação divina com uma atitude nova de actor e criador do seu próprio mundo, o artista (que a partir desta época passa a considerar-se como tal) surge como o corolário perfeito de uma perspectiva antropocêntrica e positiva da vida. Tudo pode ser apreendido ou ensinado e Deus, que do nada criou o Universo, pode agora ser tomado como modelo. As vontades libertam-se e procuram, de novos e ansiados nadas, criar obras cada vez mais perfeitas e equi-



libradas. Os mosteiros passam a ser luminosos, as suas abóbadas enchem-se de frescos. A música enche as igrejas e exalta, através da união matizada das linhas melódicas e da harmonia, o Deus de Todos os Céus, pelo desenvolvimento das capacidades humanas capazes de apreender e de tornar o mundo maravilhoso.

Se, nos séculos XV e XVI, o silêncio se assumiu como a folha branca e angustiante que urgia preencher com a capacidade criadora do Homem, no período Barroco, a progressiva saturação das texturas musicais levou a que se constituísse como elemento organizador do discurso, tornando-se um elemento composicional por excelência, ponto de apoio organizador da frase, antagonista equilibrador do vórtice comunicacional. À



maneira da palavra dita, a escrita musical passa a ser sujeita às mesmas leis da retórica e da oratória, organizando assim o seu próprio texto, num paralelismo de inflexões e pontuações. Não se pode entender a genialidade da escrita musical contrapontística de Bach, se não se souber interpretar um texto escrito, sem se saber comunicar. As frases musicais dialogam entre si, ora concordam, ora discordam, ora expõem uma nova ideia, ora respiram, ora exclamam ou interrogam, ora se cruzam e convergem ou divergem. O discurso desenvolve-se de uma forma fluida até nada mais haver para acrescentar.

Este carácter funcional do silêncio, entendido como pontuação e fronteira entre dois entes (lembre-se o sujeito e o contra-sujeito da fuga) vai, paulatinamente ganhando expressão, pelo que se transmuta de figurante discreto em personagem dotada de relevância dramática e metafórica. É no Período Romântico que se atinge o paroxismo dessa possibilidade nova, sumamente testemunhada pelo *lied* de Schubert “A Morte e a Donzela”. O silêncio da entrada do piano, em tempo de marcha fúnebre, que nos faz despertar um sentimento de terror e a entrada insegura da “Donze-

# A arte do silêncio...



la” em contratempo, utilizando uma linha melódica ascendente e cromática, entrecortada por pausas e apoiada harmonicamente por sucessivos acordes de tensão, põe-nos o coração a bater descompassadamente. Com o silêncio derradeiro, reaparece a “Morte” (novamente a marcha fúnebre), que não tem nada a temer, apoiada por harmonias estáveis e por uma única nota melódica de tónica, dizendo: “Vem, bonita e formosa Donzela. Não quero fazer-te mal. Sou tua amiga. Vem descansar nos meus braços”. Ouve-se a cadência perfeita picarda no fecho da canção e com ela se cala para sempre a donzela, num momento que nos trespassa fria e impietosamente de dor. O destino cumpriu-se e, com ele, o Período Romântico fez-se sentir, e o silêncio contra-iluminista também.

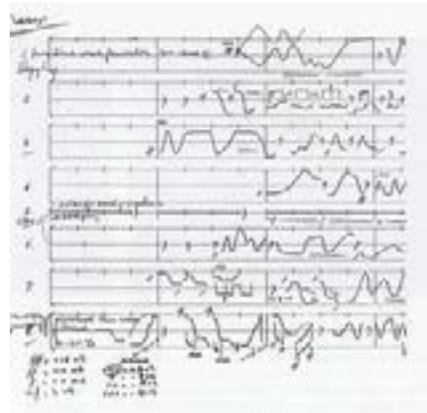


No século XX, o silêncio, considerado frívolo, vai sendo cada vez mais estigmatizado. A sensibilidade humana vai despertar de forma abrupta para o ruído. O desenvolvimento das grandes fábricas, o aparecimento do automóvel, dos aviões, da artilharia pesada, etc., vai inundar os espaços físicos e intelectuais de sons não musicais, de uma forma sem precedentes. São estes sons novos que vão inflamar o intelecto humano, fazendo-o vibrar intensamente e expressar esse êxtase em odes inflamadas. Tommaso Marinetti exalta no seu “Manifesto Futurista” o tão inspirador ruído: “Nós cantaremos (...) os piróscafos aventureiros que fazem o horizonte, as locomotivas de largo peito, que pateiam sobre trilhos, como enormes cavalos de aço enleados de carros; e o voo rasante dos aviões, cuja hélice freme ao vento, como uma multidão entusiasta”. Marinetti chega a ser mais acutilante quando, no mesmo Manifesto, afirma:

“(...) um automóvel rugidor (...) é mais bonito do que a Vitória de Samotrácia”.

E o silêncio, esse arrebatador de sensibilidades humanas, tantas vezes cultivado e exaltado em séculos anteriores? O silêncio monástico, libertador de linguagens musicais e inflamado de ideais artísticos que povoaram, outrora, a amplidão temporal e intelectual de tantos seres humanos? Vemo-lo de forma mais ou menos assumida em algumas composições de Bartók, de Debussy e de outros compositores, esteticamente ligados ao Impressionismo e ao Expressionismo, entre linhas melódicas contrapontísticas e harmonias evocativas de períodos conceptualmente muito distantes do frenesim doentio do despertar novecentista – um silêncio que parece prosseguir da fuga ao turbilhão tecnológico, ávido de novidades, que excita os instintos mais selvagens no íntimo da humanidade.

Esse ruído arrebatador da consciência do Homem con-



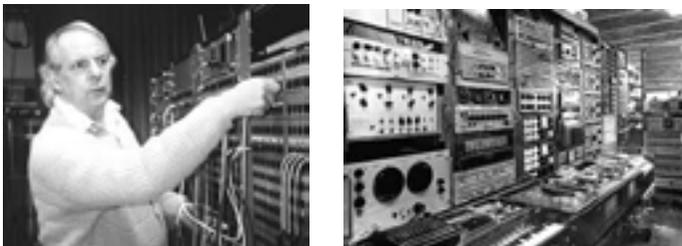
temporâneo, do início do século XX, vai inspirar Georg Antheil a criar “Ballet Mècanique”, em 1927, uma peça para oito pianos, sinos eléctricos, hélice de avião, bigorna, etc. Em 1958, Edgar Varése compõe, nos Laboratórios Philips, em Eindhoven, na Holanda, o “Poème Électronique”, utilizando sons distorcidos, através do manuseamento da material electrónico, onde são utilizados filtros, transposições, misturas de sons e outras técnicas, de forma a produzir uma obra com sonoridades mais próximas do ruído do que do som musical. Toda esta parafernália de técnicas vai permitir controlar as qualidades espaciais dos fenómenos sonoros. Esta obra foi criada para o Pavilhão Phillips, concebido por Le Corbusier e Iánnis Xenákis, para a Exposição Universal de Bruxelas de 1958, e transmitida por trezentos altifalantes. Cria-se então uma obra de sensibili-



# A arte do silêncio...



dade extramusical, em que os sons se movimentam pelo vazio do espaço, criando sensações auditivas nunca dantes experimentadas (espacialização sonora).



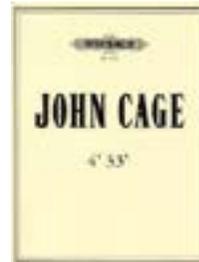
Passara meio século de experiências sonoras. Criam-se estúdios por toda a Europa e até na terra do sol nascente, no Japão, para criação e manuseamento de sons. Na Europa, aparecem os Estúdios de Paris, onde se vão fazer experiências com sons concretos, os Estúdios de Colónia, que se vão dedicar mais ao manuseamento de sons electrónicos, e o Estúdio de Fonologia de Milão, dedicado à criação de sons electrónicos. Criam-se obras como “Variações para uma Porta e um Suspiro” de Pierre Henry e Pierre Schaffer (música concreta), o “Canto dos Adolescentes” de Stockhausen (música electrónica), o “Omaggio a Joyce” de Luciano Bério (relação entre o som electrónico e o fenómeno vocal), e muitas outras que revelam a criatividade humana na formação, cada vez mais elaborada, do som produzido e sintetizado em laboratório.



Precisamente a partir desta saturação ruidosa do imaginário musical do segundo quartel do Século XX, monta-se o cenário para o regresso da valorização do silêncio, que ressurge na sua vertente mais austera, na música dos compositores da Segunda Escola de Viena: Schoenberg, Webern e Berg. Partituras riscadas por esquálidas linhas melódicas, entrecortadas por pausas e silêncios rigorosos, como que invocam a frieza das lajes de uma catedral gótica.



Música onde o contraponto de Bach é executado de forma exímia e exemplar, onde a ascese musical atinge o supremo. Atente-se no “Concerto para Violino e Orquestra”, de Alban Berg, “À Memória de um Anjo”. Trata-se de um comovente e emotivo “Requiem”, dedicado à memória de Manon Gropius, filha de Alma Mahler e Walter Gropius, que morrera inesperadamente com 18 anos. Todas as estruturas musicais autónomas são provenientes de diferentes períodos estilísticos, que convergem numa escala de doze sons (dodecafonismo). Existe uma aproximação, sempre latente, à tonalidade. Os gestos expressivos são de cariz romântico, ao passo que a forma é de rigor clássico e as pausas são silêncios gélidos da alma perante a crueldade da “Morte”. Alban Berg consegue introduzir, nesta linguagem moderna, um coral de Bach “Es ist Genug! So nimm, Herr, meinen Geist” (Chega! Leva então, Senhor, o meu espírito). O que mais se poderá dizer sobre este silêncio grandioso e fervoroso, que transcende o limite do humano e nos projecta para lá do infinito?



Apenas um ano mais tarde, John Cage escreve “4’33’”, uma peça escrita numa partitura cheia de pausas. Ter-se-ia Cage, no auge da modernidade, lembrado de conceber uma obra que será eternizada pelas gerações vindouras, como um Hino ao Silêncio? A obra é estreada, numa sala de espectáculos. O pianista entra, dirige-se para o piano, agradece os aplausos e senta-se. Com a ajuda de um metrónomo, vai virando as páginas, de acordo com as indicações do compositor. Está um silêncio sepulcral, mas pontuado aqui e ali pelo respirar das pessoas que assistem ao concerto, pelos estalidos das cadeiras, pelo matraqueio do metrónomo, pelo virar das páginas do pianista e por outros ruídos que um ouvinte mais atento consegue decifrar. Afinal, Cage queria mostrar aos fruidores da sua obra que o silêncio absoluto não existe, que ele é um paradoxo, que o mundo ro-

# A arte do silêncio...

## O silêncio na música

José Fernando Silva, Oboé

O primeiro grande desafio de uma dissertação sobre o silêncio reside em encontrar uma definição semântica que nos remeta e, simultaneamente, nos limite o alcance de todas as ideias nela debatida. A mim, enquanto performer, interessa-me compreender e, se possível, dominar todos os parâmetros da expressividade musical. Dinâmicas, articulação, uso do vibrato, rubato e dos mais diversos “timings” performativos são estratégias de expressão que vivem em extrema cumplicidade, tendo sempre o silêncio como a tela agregadora de todos estes acontecimentos sonoros.

Numa sociedade cada vez mais global e multiétnica, num assunto relacionado com a interpretação de um texto musical escrito, devem ser sempre consideradas as diferentes percepções e anseios, que tanto os compositores como os performers têm da presente problemática. A riqueza filosófica trazida por compositores como Tōru Takemitsu ou John Cage acrescentou valias nunca antes percebidas à definição do silêncio na música. No entanto, tal profusão de gestos tão profundamente ideados em sensibilidades estranhas a este nosso ambiente musical parece ter vindo aumentar a dificuldade em encontrar uma explicação para o fenómeno acústico e emocional que seja suficientemente agregadora de todas as sensibilidades artísticas, acabando, talvez por isso, por ser difícil encontrar contributos que permitam encontrar uma definição de silêncio que a todos pareça consensual. O silêncio deixa de ser unicamente o espaço de tempo decorrido entre dois eventos sonoros para ganhar uma relação direta com estados emocionais. Paradoxalmente, o silêncio já não precisa de ser silencioso e pode mesmo ser representado por música que o evoca, que evoca todos os acontecimentos que em silêncio vivem na nossa alma. Tornou-se num novo paradigma, fruto de uma nova relação, não só com as paisagens sonoras das sociedades contemporâneas, como com os desafios de todos lados provenientes e anexos aos movimentos modernistas nas artes.

O silêncio na música parece envolvido numa enorme multiplicidade de funções que, facilitando o reconhecimento da sua presença, tornam especialmente fecundas todas as tentativas de o definir e de responder às perguntas que este levanta. Este pode tornar-se particularmente evidente na música mais calma, mas, no outro lado da moeda, pode sublimar-se, tornando-se particularmente vivo quando intercalado com frenéticos momentos da ação performativa. Pode fundamentar-se e reconhecer-se nas mais elementares ações típicas da comunicação oral. Pode até roubar protagonismo à própria música ganhando um real significado estrutural, remetendo os ouvintes para um estado de contemplação que os faz abs-trair do mundo dos sons meramente musicais.

Em síntese, a definição de silêncio varia porque variam não só as condições físicas e emocionais da sua existência, como a personalidade de quem a ouve.

deia as pessoas de sons mais ou menos perceptíveis aos ouvidos humanos. Citando Milan Kundera em “Os Testamentos Traídos”, “(...) como se o choro de alma só pudesse ser consolado pela não sensibilidade da natureza. Digo bem: consolidado pela não sensibilidade da natureza. Porque a não sensibilidade é consoladora; o mundo da não sensibilidade é o mundo fora da vida humana: é a eternidade: é o mar que vai com o sol”. Será esta realidade, de Milan Kundera, tão universal? Afinal, é o ruído a fonte inspiradora e motora da humanidade?

John Cage, durante o seu percurso pela composição vai criar algumas obras, tendo como fonte de inspiração a filosofia Zen. Segundo esta filosofia, fazer Silêncio dentro de si não é retirar-se do mundo (como acontecia com o homem medieval). Pelo contrário, é libertar a sua energia dinâmica com o objectivo de avançar, de se transformar a si mesmo.

As idiossincrasias do mundo contemporâneo impelem o ser humano para uma espiral onde os sentimen-



tos dão lugar a sensações instantâneas. O desenvolvimento dos meios de comunicação social, informáticos e electrónicos saciam de forma exaustiva a avidéz humana de informação, preenchendo implacavelmente todos os espaços outrora votados ao Silêncio Contemplativo.

Despreza-se toda uma cultura vivida e sentida pelos nossos antepassados, para nos satisfazermos hedonisticamente com o imediatismo da comunicação que nos entorpece, por sua vez, o discernimento.

Cabe a cada um de nós reinventar o Silêncio, enquanto harmonizador de criadores e fruidores. Esta nova vocação pretenderá transcender o indivíduo estátua (fechado sobre si mesmo), despertando e reavivando os ideais e as emoções adormecidas de outrora.

Será então plausível aspirar a que outras formas de comunicação frutifiquem, alimentando novos avanços do indivíduo sobre si próprio, em direcção à Humanidade.

\* autora escreve segundo a antiga ortografia

# A arte do silêncio...



## O valor do silêncio

Carlos Pinto, Português e Inglês

Em 1952, o compositor John Cage apresentou uma peça musical de vanguarda ao público americano. Entrou no palco, sentou-se à frente do piano, ligou um cronómetro e, durante 4 minutos e 33 segundos, exatos, ficou em...silêncio. Para o artista, a música eram os leves murmúrios produzidos pela plateia atónita. No fim desse tempo, Cage levantou-se e agradeceu como se tivesse acabado de apresentar uma das suas obras habituais. Com esta invulgar atuação, o músico pretendia provocar no público uma reação relativamente à inusitada ausência de som! Esta estranha “composição” acabou por ser incluída no seu repertório com a designação de 4’33.

A prova incontestável de que a ausência de sons é fonte de boa música é, por exemplo, a Nona Sinfonia, uma das maiores obras-primas musicais de todos os tempos, a qual foi composta no século XIX por Ludwig van Beethoven, numa altura da sua vida em que estava praticamente surdo. É uma história comovente porque no final do concerto de estreia, o maestro trouxe-o ao palco e virou-o para o público, e só aí é que ele se apercebeu que a plateia o estava a aplaudir freneticamente. É, também, conhecida uma frase deste compositor que diz: “Nunca quebres o silêncio se não for para o melhorar.”

Assim como o som, o ruído e os pensamentos, o silêncio é da natureza da mente. Todas as pessoas o reconhecem. Mas, entre tantos estímulos sonoros, quase não se respeitam os momentos de interrupção – imprescindíveis para uma vivência mais harmoniosa. Tomando, como exemplo, o tema da música, não duvidemos de que a pausa existe para torná-la ainda mais bela. A nível da espiritualidade, o silêncio da meditação aproxima-nos mais da divindade e reestrutura o nosso pensamento, daí que em algumas religiões haja o “voto de silêncio” e, mais extremo ainda,

o isolamento ou renúncia às coisas mundanas, com o objetivo de adquirir um alto intelecto e uma espiritualidade superior (designado por ascetismo, do grego “askesis”, significando prática ou exercício).

Qual será o valor do silêncio?

Segundo um provérbio chinês, “a palavra é de prata e o silêncio é de ouro”.

Para muitos, “o silêncio vale mais que mil palavras” e, de facto, o silêncio após uma conversa sentida pode ser, por vezes, bastante expressivo. É a “eloquência do silêncio”. Atribuem-se a Buda as seguintes declarações: «Quando não tiveres nada de importante para dizer, guarda um nobre silêncio», ou ainda: «Se não podes melhorar o que foi dito, observa o silêncio.»

Há ainda quem defenda que o silêncio, na realidade, é apenas aparente e relativo...depende unicamente da frequência da audição. Há frequências que os nossos ouvidos humanos não captam e, por isso, não ouvimos qualquer som emitido nessas frequências. No entanto, outros animais conseguem ouvir esses mesmos sons. Para nós é silêncio, mas para outras criaturas não.

As ondas sonoras propagam-se através do ar. Na ausência de ar, não há som, pelo que podemos considerar que, no espaço sideral, o silêncio é absoluto. Será mesmo?

Hoje, a tecnologia permite escutar sons vindos do espaço emitidos pelos corpos celestes, de tal forma que esses sons já foram apelidados de sinfonia cósmica, tal a variedade e grandiosidade.

Onde está então o silêncio?

Está em tudo o que existe.

Consideremos o silêncio um harmonizador dos sons, um fazedor de cadências, um criador de momentos, de clímax. A pausa no final da Criação.

# A arte do silêncio...

## O silêncio entre o bem e o mal

António Mendes, Filosofia

O silêncio pode entender-se como subtração de alguma coisa, como adição de algo ou como vazio. Certas formulações do silêncio, ao longo da história da música, (ver texto da professora Ana Paula Moura neste número) parecem-nos particularmente úteis para ilustrar estas três concepções de silêncio.

Quando identificamos o silêncio com um “isolamento quase hermético do indivíduo, afastando-o de toda a distração e ruído”, estamos a concebê-lo como subtração de alguma coisa. Pode-se, então, distinguir um silêncio exterior (remoção de todas as fontes exteriores de distração ou ruído) ou deserto (redução da estimulação exterior a um mínimo) e um silêncio interior, ou concentração contemplativa e meditativa (cessação do fluxo desordenado de pensamentos, emoções, sensações, desejos, etc). Ambas as modalidades convergem no esforço de reconduzir a mente a casa, diminuindo a dispersão que aliena a consciência do que se apresenta aqui e agora, e de ajudá-la a intuir claramente os significados que circulam no turbilhão dos estados e conteúdos de consciência, isto é, a distinguir as múltiplas “vozes” interiores.

Entender o silêncio como adição é identificá-lo com aquela “pontuação e fronteira entre dois entes” que funciona como um “ponto de apoio organizador da frase”, tanto escrita como musical. Assim funcionam alguns espaços em branco nos textos escritos, em particular nas composições poéticas. Adiciona-se um nada ou vazio (espaço em branco) para pontuar uma sequência de entes (ideias), como no último dos seguintes versos: “nem um momento só podes perder / a linha musical do encantamento/ que é teu sol tua luz teu alimento” (“Deus Escreve Direito”, Sophia de Mello Breyner Andresen).

Por último, compreender o silêncio como um vazio é compará-lo àquela “folha branca e angustiante que urgia preencher com a capacidade criadora do Homem”. Por outras palavras, é perspetivá-lo como um plano de fundo, gêmeo do vazio sideral, onde hão de emergir e inscrever-se os acontecimentos, os eventos e as ações produzidos pela imaginação inteligente e pela vontade criadora. Assim aconteceu na música Barroca e também na gesta dos Descobrimientos, onde territórios já habitados foram concebidos como plano de fundo vazio e predestinado a ser preenchido pela vontade missionária, política, militar ou económica dos europeus.

O afã de preencher o vazio através de um incessante dizer, fazer ou produzir instalou-se, pouco a pouco, na cultura ocidental europeia através da história económica, militar e política do século XX, trazendo consigo a ilusão de que obedecer a espíritos de superior capacidade de liderança garantiria a regeneração das pessoas e das sociedades.



Simão Crispim, 4.ºB

Infelizmente, trouxe também o esquecimento do silêncio como reconhecimento de si mesmo e como pontuação entre um Eu e um Tu, como ponte que, ao mesmo tempo, separa e aproxima duas realidades irreduzíveis uma à outra.

Perdeu-se, deste modo, a noção do silêncio como relação consigo e com os outros. O silêncio ante si ou ante o outro deixou de ter valor de encontro e passou a ser apenas um plano de fundo para a afirmação da vontade própria, da causalidade dos mais fortes, que faz de cada EU apenas um elo ou nodo indiferente, indistinto, no totalitarismo de uma cadeia mais ou menos longa de causas e efeitos.

A luta pela supremacia na cadeia dos acontecimentos abriu um conflito de vontades que trouxe tempos sombrios à Europa do século XX, particularmente durante a segunda guerra mundial (1939-1945). Pensávamos ter deixado para trás esses tempos. A guerra dos Balcãs nos finais do século XX mostrou, contudo, que se não nos lembrarmos da história estaremos condenados a vivê-la novamente. Como se não bastasse, há assustadoras semelhanças entre as circunstâncias atuais e aquelas em que emergiram os totalitarismos no século XX.

É, pois, prudente escutar o que têm para nos dizer pessoas que arriscaram a sua vida para pensar esses tempos sombrios. É altura mais que oportuna para lembrar e reler o que Dietrich Bonhoeffer (1906-1945) ou Hannah Arendt (1906-1975) escreveram para nos avisar do fiasco das pessoas sensatas e da banalidade do mal que assombram o nosso presente e nos podem desviar do futuro.

# A arte do silêncio...

Dietrich Bonhoeffer era alemão, teólogo e pastor protestante. Foi enforcado por ousar carregar a culpa de apoiar moralmente um grupo de resistentes que tentou assassinar Hitler. Hannah Arendt era alemã e judia. Discípula de Heidegger, carregou o resto da vida o estigma de ter denunciado a colaboração de alguns líderes das comunidades judaicas na deportação seletiva de judeus para os campos de extermínio, provando assim que a raiz do mal extremo se instala tanto nos perseguidores como nas vítimas.

Bonhoeffer interrogou-se sobre como era possível, na pátria de Kant, que pessoas cultas e sensatas não vissem o abismo do mal que se instalava perante as pessoas e os povos para os engolir numa violência sem precedentes. Começou por notar como as pessoas que se mantinham em silêncio ante o mal ora se refugiavam na realização privada de ideais éticos ora se escudavam na obediência a formalidades.

Qual seria a origem deste incompreensível desprezo pela voz da consciência, que Bonhoeffer definiu como fiasco das pessoas sensatas? Na *Ética*, uma obra cuja redação foi interrompida pela sua prisão a 5 de Abril de 1943, Bonhoeffer defende que tanto a ética do dever (de inspiração Kantiana) como a ética do resultado (de inspiração positivista ou utilitarista) são igualmente impotentes para enfrentar o mal que ensombra as pessoas e as comunidades. A raiz desta impotência é tripla: primeiro, estas éticas valorizam “só o indivíduo isolado como eticamente relevante”; em segundo lugar, só o absoluto e universalmente válido conta para elas como norma ou critério; terceiro, só consideraram como aceitável aquela decisão que se baseie numa distinção clara entre o bem e o mal.

As pessoas sensatas julgavam poder garantir que faziam o Bem, apoiando as suas escolhas numa teoria ética em vez de decidir ao sabor da inclinação ou das circunstâncias do momento. No entanto, denuncia Bonhoeffer, esta sensatez acaba sempre prisioneira de uma abstração e de uma ficção.

Ao reduzir situações em que a vida exige que se tome uma posição ao espaço privado da decisão de um indivíduo singular que, isolado de tudo, avalia a justeza de uma ação usando apenas um único critério do bem e do mal, o da



correspondência (ou não) entre essa ação e uma ideia ou princípio moral, as pessoas sensatas divorciam-se, abstraiam-se da vida concreta das pessoas. A abstração está precisamente em conceber esquematicamente a situação ética, reduzindo-a e simplificando-a ao ponto de tornar o outro um elemento dispensável.

Como o indivíduo isolado não existe, como o mal aparece, por vezes, mascarado de bem e como o bem é visto, por vezes, como um mal, e ainda porque não há um critério objetivo e aceite por todos, estas pessoas sensatas estão condenadas a fracassar no seu objetivo de só tomarem posição depois de eliminadas todas as ambiguidades que dificultam a distinção entre o bem e o mal, o certo e o errado.

Na verdade, elas usam essas mesmas ambiguidades para justificar o seu silencioso refúgio numa virtuosidade privada (existência burguesa puramente privada ou isolamento no convento) ou numa cega obediência a formalidades. Em qualquer dos casos, as pessoas sensatas sentem-se dispensadas da necessidade de decidir por si.

A pessoa sensata que insista em ver-se como um agente singular, isolado da situação e decidindo sozinho e seletivamente o que é ou não o bem, acabará por ficcionar uma realidade que não existe, findará por viver num mundo que não é o mundo real dos viventes. Na sua sensatez fracassará, pois é impossível alguém isolar-se da comunidade humana: a história nasce exatamente da percepção dos laços recíprocos, do sentido de um destino comum e de uma responsabilidade pelos outros homens e mulheres.

Superar o fiasco das pessoas sensatas implica, segundo Bonhoeffer, aceitar que não há nenhuma ideia ou princípio universalmente válido, pelo que o critério moral só pode ser o bem concreto das pessoas concretas a que se destinam as ações, e reconhecer que não se trata de imprimir ou impor à realidade uma lei qualquer, mas antes de apreender aquilo que é necessário e imperativo em cada situação histórica concreta.

# A arte do silêncio...



Hannah Arendt procurou compreender, por sua vez, o que havia de extraordinário e radicalmente novo no fenômeno do mal que aflorou no século XX e cuja expressão maior foi o Holocausto. Ficaram célebres os seus artigos na revista *New Yorker* reportando o julgamento de Adolf Eichmann, em Jerusalém, como máximo responsável pelo planejamento do transporte de judeus para os campos de extermínio.

Para esta autora, o julgamento de Eichmann mostrou que o pior que o ser humano pode fazer, como o Holocausto, não tem nada a ver com motivos como o egocentrismo. Pelo contrário, a raiz do mal está nesse novo fenômeno produzido pelos totalitarismos do século XX: tomar as pessoas como supérfluas e descartáveis e fazê-las sentir isso mesmo.

Uma característica comum aos campos de concentração e aos totalitarismos, mas também da escola e das prisões como mostrou Foucault, é a expropriação e reordenação do tempo pessoal em função da vontade coletiva ou autoritária. Este sacrifício da capacidade de entrar em diálogo silencioso consigo mesmo teve, segundo Hannah Arendt, uma consequência trágica: instalou o colapso moral não apenas na Alemanha, mas em quase todos os outros países; não apenas entre os perseguidores, mas também entre as vítimas.

Desde Sócrates e Platão que se chama pensamento a essa capacidade de o Eu se envolver no diálogo silencioso consigo mesmo. Fiel a Heidegger e à sua herança judaica, Hannah Arendt considera que a principal manifestação do espírito do pensar não é o conhecimento baseado na distinção entre o verdadeiro e o falso, mas a capacidade para distinguir o bem do mal, o belo do feio (“The Two-in-One”, *In The Life of the Mind*).

Durante o julgamento em Jerusalém, Eichmann foi inquirido sobre se nunca sentira um conflito entre o seu dever e a sua consciência. Respondeu que, em vez de conflito, havia antes uma dualidade consciente sendo seu dever renunciar à sua própria consciência e obedecer às ordens, evitando ter qualquer tipo de intenções, boas ou más. Acrescentou ainda uma possível explicação: seria o resultado da educa-

ção da sociedade alemã e da sua formação militar.

Ao despojar-se da característica distintiva da pessoa – ser capaz de pensar –, Eichmann confessa ter abdicado de ser pessoa. Consequentemente, diz Arendt, tornou-se incapaz de juízos morais.

Esta confissão revela ainda, segundo Arendt, que o maior mal é aquele que é cometido por zés-ninguéns, por pessoas sem convicções, sem corações particularmente perversos e egoístas ou com intenções demoníacas. O mal radical é o mal cometido por seres humanos que se recusam a ser pessoas ou por pessoas que não têm tempo para ser pessoas, isto é, sem capacidade para entrar num diálogo silencioso consigo mesmo. Foi esta incapacidade para pensar que criou, conclui Arendt, a possibilidade de inúmeros seres humanos cometerem atos cruéis numa escala gigantesca, atos nunca antes vistos.

Hoje sabemos, nomeadamente pelos trabalhos de António Damásio, que há um mecanismo que permite representar os acontecimentos do corpo na mente. Os acontecimentos que favorecem o equilíbrio do organismo e aqueles que o comprometem são marcados por emoções distintas. Sabe-se também que temos sentimentos e não apenas emoções: o organismo mapeia e cria uma memória autobiográfica das emoções e dos objetos que as geram. Cultivar o silêncio é exercitar esta capacidade natural de autoconsciência e de autoexame, de sentimento de si e de diálogo silencioso consigo mesmo. A consciência estética e a consciência moral são dois apelos à unidade consigo mesmo que brotam das profundidades do corpo. A intuição do belo e a intuição do bem são a aparição na consciência daquelas coisas ou daqueles modos de ser que são capazes de fazer a vida florescer, são a aparição quotidiana do apelo essencial: “nem um momento só podes perder / a linha musical do encantamento/ que é teu sol tua luz teu alimento” (“Deus Escreve Direito”, de Sophia de Mello Breyner Andresen).

Dar forma significativa à aparição do mal, do bem, do belo ou do verdadeiro exige, para alguns, a solidão, o retiro para um espaço e tempo subtraído de distrações. Para outros, implica a adição de uma coisa entre coisas, um nada pontuando, no espaço ou no tempo, entidades de um poema, de um texto ou de uma partitura. Para outros ainda, é o plano de fundo onde inscrever os frutos da sua criatividade.

Em nenhum caso, porém, o silêncio pode deixar de ser esse abismo onde intuímos a vertiginosa diferença entre o bem e o mal, o belo e o feio. Nesse abismo interior, o EU esvazia-se de Si Mesmo para deixar ressoar no corpo consciente a intuição primitiva das coisas, a vibrante alteridade do rosto do outro.

# A arte do silêncio...

## O que é a poluição sonora?

Berta Henriques, Ciências Naturais, aluno do 5.º A

A poluição sonora ocorre quando, num determinado ambiente, o som altera a condição normal de audição. O ruído é um conjunto de sons. É algo inoportuno, indesejável, que pode prejudicar a perceção de um sinal ou gerar desconforto.

Embora a poluição sonora não se acumule no meio ambiente como outros tipos de poluição, ela é considerada um dos principais problemas ambientais das grandes cidades e uma questão de saúde pública. Diferentemente de outros tipos de poluição, a poluição sonora não deixa resíduo, possui um menor raio de ação, não é transportada através de fontes naturais e é percebida somente por um sentido: a audição. Tudo isso faz com que muitos desprezem os seus efeitos, ainda que ela possa trazer graves danos à saúde das pessoas e dos animais. Segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde), o limite máximo tolerável para a saúde humana é de 65dB. De acordo com esta organização, o ruído mata mais na Europa do que a poluição do ar. O efeito sobre a saúde humana dependerá, contudo, do tipo e intensidade do ruído e do tempo de exposição.

Normalmente, é provocada pelo ruído de fábricas, aviões, trânsito, foguetes, tiros, obras, secador de cabelo, mas também pode ter origem em sons que seriam considerados normais, mas que atingem valores perigosos, como conversas em tom elevado em cafés e salas de aula ou gritos nos corredores de escolas e música alta (fones, concertos ao vivo). Os aparelhos mais populares usados em casa passam de 100 dB. O aumento sistemático da atividade comercial e industrial, a elevada taxa de crescimento de comércio, a perda de áreas verdes, a explosão demográfica, a maior circulação de transportes (públicos e privados), o aumento dos lugares de diversão (parques, discotecas), são algumas causas deste novo tipo de problema que provoca um impacto significativo no ambiente e na qualidade de vida dos habitantes.

O barulho intenso das grandes cidades não permite que as pessoas descansem o necessário, causando-lhes irritabilidade e cansaço mental. Isso, ao longo dos tempos, pode causar doenças, pois o corpo fica fragilizado, diminuindo a resistência física das pessoas. Em determinados dias, ficamos irritados, com dor de cabeça e não sabemos os motivos. Esse mal-estar pode ser causado pela poluição sonora. Pessoas que usam os auscultadores em volume alto, por mais de uma hora diária, expõem-se a um risco de diminuição permanente da capacidade auditiva após 5 anos. A forma mais saudável de ouvir música com os auscultadores é não passar de 50% da capacidade dos aparelhos. É de grande importância que os utilizadores de auscultadores não se exponham por mais de 30 minutos a um ruído de 100dB.

Uma pessoa exposta a ruídos muito altos pode sofrer de doenças psíquicas, insónia, perda de concentração, atenção e memória, cansaço, perda de rendimento escolar ou no trabalho e, em casos mais graves, a surdez. Contudo, há outras consequências: os músculos contraem-se e começam a libertar na corrente sanguínea substâncias inflamatórias; a respiração fica acelerada e o metabolismo sofre alterações; o coração começa a bater rapidamente e de maneira descompassada; o estômago passa a fabricar mais suco gástrico, podendo provocar gastrite e úlceras; o intestino perde o ritmo e pode desencadear prisão de ventre e os órgãos genitais passam a receber menos sangue. Por isso, existem leis e normas para evitar altos níveis de ruído como, por exemplo, colocar barreiras sonoras nas autoestradas e aeroportos e a obrigatoriedade de colocação de isolamento acústico em casas e em discoteca.



Retirado de <http://ruidoneiva.blogspot.pt/2005/12/o-que-o-ruído.html>

Na figura é apresentado um gráfico onde se apresentam os valores do ruído medido nos mais diversos ambientes.

Devemos tomar medidas de prevenção e combate, tais como: evitar locais barulhentos; ouvir música baixo, sobretudo quando usamos auscultadores ou fones; ficar longe das colunas nos concertos ao vivo; usar protetores auriculares nos locais com ruído; não gritar em locais fechados e evitar locais onde se converse alto; fechar os vidros do carro ou das casas quando há trânsito barulhento. Na escola, deve-se falar baixo, evitando falar ao mesmo tempo que o professor e os colegas e não gritar durante os intervalos e brincadeiras.

# A arte do silêncio...

## Sou faladora

Beatriz Magalhães, 11.ºB

Tenho a convicção, quase absoluta, de que se pedirem a alguém que me conheça para me descrever, as suas palavras serão as seguintes: “Fala muito e muito alto, está sempre a rir.”

De facto, para o bem e para o mal, são estes os ingredientes que melhor me caracterizam. Quando estou com amigos, ou até mesmo em família e fica silêncio, tenho tendência a sentir que devo quebrá-lo, para que não se torne constrangedor. Resultado? Ora aqui vai: duas vezes “Como vai a vida?”, do curto caminho do corredor da música até ao ginásio!

E para quê? Porquê ter medo do silêncio? Mete-nos confusão não falar durante muito tempo enquanto estamos com alguém. Normalmente, ficamos inquietos, hesitantes e não nos sentimos confortáveis. Esquecemo-nos do que é ser e estar simplesmente.

Contudo, costuma dizer-se que são nossos verdadeiros amigos aqueles com quem estamos tão à vontade, que nem o próprio silêncio nos perturba.

E não será verdade que nos compreendemos mutuamente com um simples olhar ou um simples gesto? E que isso é, por vezes, mais valioso e mais consolador, esse suporte, esse estar presente, do que meras sensações causadas por um emissor na atmosfera? Até porque, hoje em dia, dizemos, tão frequentemente, as mesmas palavras, para tantos diferentes contextos (“Desculpa”, “justiça”, “amo”, “Deus”, “feliz”, “morro”), que a sua singularidade e o seu valor parecem estar a ser perdidos.

O silêncio não é sinónimo de vazio!

Por outro lado, nas vidas stressadas e ocupadas que vivemos, esquecemo-nos de nos encontrar sozinhos na nossa existência e na existência do mundo, ouvindo o silêncio: os uivos do vento que corta a cara e brinca com as folhas, o canto dos passarinhos que fogem do essencial para o infinito, o grilo, a água, o cão, ...

Esquecemo-nos de encontrar a paz, ter tempo para nós. Ou temos medo. E então não largamos o telemóvel, o mp3 ou o computador. Agarramo-nos de tal forma às tecnologias, com medo da solidão, que acabamos por nos encontrar ainda mais solitários, uma vez que nem a nós próprios nos encontramos.

O silêncio não é sinónimo de solidão!

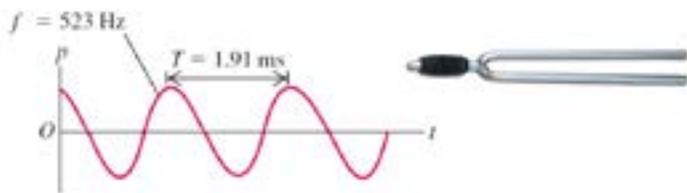
É então que crescemos, e já não nos preocupamos com a superficialidade dos sons. Passamos a ser e estar simplesmente, sem medo, e quando, no futuro, pedirem a alguém que me conheça para me descrever, as suas palavras serão as seguintes: “Fala muito e muito alto, está sempre a rir”.



Beatriz Pereira, 4.ºB

## Afinação total

Susana Sá, Físico-Química



Retirado de <http://www.yduka.com/images/zoo-images/som/som-espectro-ondas-1.jpg>

O som é uma onda, tal como a luz, mas tem a particularidade de só se propagar em meios materiais sólidos, líquidos ou gasosos, por isso a designamos por onda mecânica longitudinal. Poderemos definir o som como uma sensação auditiva, produzida pela vibração de corpos que se propaga em todas as direções, desde a fonte sonora até aos nossos ouvidos. O som poderá ser caracterizado através da...

- . frequência -  $f$
- . período -  $T$
- . amplitude -  $A$

Cada instrumento musical tem a característica de emitir uma mesma nota com timbre diferente do dos demais instrumentos. Isso dá ao instrumento uma qualidade particular, que o torna único. Para um músico praticante, mais importante do que saber a teoria do som é manter o instrumento perfeitamente afinado.

Para isso, recorre ao Diapasão. A característica do seu som é determinada pela vibração das ondas sonoras, mas se for percutido com forças distintas, o espetro tem a mesma frequência, mas vai apresentar diferente amplitude (distância do eixo  $t$  ao topo da linha vermelha), porém, há uma coisa comum – o som é uma onda harmónica, bem desenhada, perfeita, como se pode ver na figura, para que a orquestra entre na afinação total que nos enleva.

# A arte do silêncio...

## A igreja do Silêncio

Isabel, EMRC, alunos de EMRC de 9.º ano

As Igrejas do Leste, também chamadas “Igrejas do Silêncio” ou “Igrejas do lado de lá da cortina”, eram assim designadas por se colocarem numa posição sociopolítica contrária aos regimes comunistas de cada um dos países. Estes, aliás, muito diferentes uns dos outros por experiências históricas, influências colaterais, exigências de mercado, interesses económicos, etc. No seu interior, estas igrejas eram “igrejas vivas” onde os sacerdotes, mesmo no meio de imensas dificuldades, laboravam nas paróquias. Os fiéis sofriam pela sua convicção religiosa e pelos seus filhos, aos quais era impedido o acesso aos estudos superiores. Os seminários sobreviviam clandestinamente em ambientes que não chamassem a atenção da polícia secreta, com aulas dadas também por religiosas clandestinas.

Da utopia igualitária, libertária, materialista, anticlerical e ateuista do regime (que tudo justificava, inclusive o extermínio de milhões de pessoas nos campos de concentração da Sibéria e nos campos de trabalho forçado espalhados por toda a parte do império soviético), nasceria um mundo novo, fraternal, para um homem novo liberto do jugo da hierarquia e da lei.

Em 1929, na União Soviética, os cultos religiosos foram proibidos mesmo nos campos de concentração. Os religiosos presos foram proibidos de usar o hábito e fornecer qualquer auxílio espiritual aos outros presos e, em 1937, Estaline determinou que os ministros religiosos fossem presos e fossem imediatamente executados os elementos mais perniciosos através de medidas administrativas adotadas nas sessões das troikas. Nicolai Yezhov, ministro dos assuntos internos, encarregou-se de aplicar tal determinação contra homens e mulheres da igreja em prisões, campos de trabalho forçado, mesmo que já tivessem sido julgados por crimes ou se encontrassem em liberdade depois de cumpridas as penas. Muitos voltaram a ser julgados e a maioria condenada à morte.

Após a Segunda Guerra Mundial, o leste europeu caiu sob o domínio do comunismo e entrou na órbita da URSS. Na Polónia, entre 1945 e 1947, mesmo antes da perseguição aberta, cerca de duzentos padres mais influentes desapareceram. Após as eleições de 1947, o regime comunista passou a tratar a Igreja como era típico, confiscando os seus bens, expropriando hospitais e escolas religiosas e proibindo publicações católicas. A propaganda governamental acusava a Igreja de colaborar com os nazis e o clero de imoralidades. No ano seguinte, quatrocentos padres estavam encarcerados e um deles já havia sido condenado à morte.

Também na Checoslováquia, em 1950, o governo eli-

minou as ordens religiosas transformando os mosteiros e conventos em campos de concentração onde os próprios religiosos eram mantidos presos e condenados a trabalhos forçados. Setenta e cinco dos quinze mil religiosos, metade dos sete mil padres e milhares de leigos foram condenados a trabalhos forçados em regime de escravidão e enviados às minas e pedreiras do país. E, na Albânia, foi declarado que a família era “reacionária” e tentaram fazer com que as crianças informassem as entidades oficiais quando os pais lhes dessem instrução religiosa em casa. Os pais foram proibidos de dar aos filhos nomes “religiosos”. Uma família que rezasse o terço em casa podia apanhar cinco anos de prisão; ensinar o sinal da cruz a uma criança podia implicar um castigo semelhante. A mera posse de literatura religiosa podia levar à pena de morte.

No entanto, e apesar dos esforços dos governos para acabar com o cristianismo, a fé das pessoas prevaleceu. Os fiéis cantavam fora das igrejas fechadas ou celebravam o culto em igrejas não registadas pelo regime. Os sacerdotes que tinham conseguido não serem presos tentavam fazer as suas visitas pastorais a essas comunidades clandestinas. As freiras mantinham contacto com os sacerdotes e os leigos, impulsionando serviços religiosos secretos e catequizando as crianças. Os sacerdotes celebravam os sacramentos em bosques ou em lugares reservados, à tarde, à noite ou logo de manhã. Procedia-se também à ordenação clandestina de novos sacerdotes.

Em 1963, teve início a Ostpolitik do Vaticano, com as primeiras missões diplomáticas junto dos países do Leste, mas que veio pôr em causa a sobrevivência da Igreja clandestina que, em silêncio, colaborava com os padres nas paróquias e formava jovens dispostos a tornarem-se padres. Todas essas pessoas trabalhavam em silêncio entre os jovens e as famílias e publicavam-se clandestinamente revistas e livros, que depois passavam de mão em mão.

Na realidade, a Igreja foi obrigada a refugiar-se nos templos e depois a apagar-se lentamente, pois o terem sido forçados pela Santa Sé a negociar aquilo que tinham de mais precioso, que era a Igreja clandestina, e o terem de se calar sobre os males e as atrocidades do regime, o não exprimir oposição ao regime e o não condenar os erros, as mentiras e os abusos perpetuados, tornou-se, deste modo, uma Igreja do Silêncio. Diz o bispo Iulis Hirtea: “Não somos nós que mantemos o silêncio aqui. Nós não somos verdadeiramente Igreja do Silêncio. Os membros da Igreja do mundo livre é que são a verdadeira Igreja do Silêncio, porque não falam a nosso favor.”

# A arte do silêncio...

## *O silêncio da minha velha casinha*

João Tiago Magalhães, Acompanhamento e Improvisação

*O silêncio tem uma casa  
Onde a música entra  
Quase sem pedir licença*

João Pedro Mésseder



João Pinheiro 4.ºB

Ir ao Porto à sexta- feira ao fim da manhã é para uma pessoa se envolver num pesado trânsito. Ainda não se chegou à Via de Cintura Interna e já os carros se dividem em quatro faixas, apertadas, qual espartilho! Viro lentamente, embora apressadamente, em direção ao Freixo. Na TSF avisam que há uma fila de três quilómetros! Recebo um telefonema do Senhor Fernandes, pai do António do 8.ºE. Combino a reunião para as quatro da tarde. O miúdo tem pouca concentração e é pouco organizado no estudo. Enfim, a história do costume. Entretanto, estou a chegar a Gaia e já o asfalto esmaga o antigo campo de milho onde lutávamos com torrões de terra, eu e os meus primos. Era a chamada “torroada”. Também havia uma ribeira por onde passava a água furiosamente. A ribeira foi tapada e por cima tornou-se difícil cultivar o milho ou qualquer outra coisa... sem água.

Finalmente entro na casa onde, como sempre se diz, o tempo para. A mesa está posta e o fogão de sala está aceso. Gosto de sentir esta cumplicidade familiar. Sentados à mesa, a Mãe, os meus irmãos e eu partilhamos um entendimento que passa por um gesto, uma velha piada, uma história de há muitos anos. É o silêncio... Levanto-me para

colocar uma acha no lume e encher os copos de vinho. Apesar da conversa, sereníssima, é possível ouvir o crepitar do fogo e o tic-tac do relógio das escadas. E é aí que a mesa começa a girar. Rodopia por entre os odores dos figos e das castanhas assadas, rodopia entre os sons da Adelina que levanta os pratos, das memórias estonteantes, das galinhas da Tia Mé - ao tempo que isso foi! - do Primo Arnaldo a entrar na sala com o casaco sobre os ombros, ou da festa de S. João quando, à meia noite, corríamos pelas escadas acima até ao janelão para vermos o fogo das Fontainhas. Rodopia e leva-nos para onde não há espaço nem tempo!

Meto-me no carro. São duas e meia da tarde. Credo, como é que um almoço pode durar tanto tempo? Já vou a caminho de me encontrar com o senhor Fernandes. Talvez lhe possa explicar que o António, do que precisa, é dum silêncio... tão grande que o deixe ouvir o relógio de parede e o crepitar do fogo. Um silêncio que lhe dê tempo para pensar e para organizar as ideias. Será possível que o pai do António entenda o que quero dizer sem levar a mal? E se eu fosse realmente sincero e lhe dissesse que esta história é toda inventada com exceção da mesa de jantar que rodopia até nos atordoar e enlouquecer?...

# A arte do silêncio...

## *Silentium, o ato de estar quieto*

Nanni Pinto, Encarregada de Educação

Silentium, em latim, quer dizer aquietar. Esta conjugação entre ausência de palavras e acalmar, proporciona uma visão clara dos acontecimentos. O som sempre há de existir, OM! O som do Universo existe para equilibrar o próprio Universo.

Orientamo-nos através dos sons que surgem no nosso caminho. O nosso equilíbrio está no ouvido; a falta de ruído ou o excesso desorienta-nos e desequilibra-nos.

Se o silêncio no espaço fosse absoluto, não seria possível existir equilíbrio ou movimento.

Se nos colocássemos dentro de uma Câmara Anecóica, poderíamos ouvir claramente o bater do nosso coração e todos os barulhos que produzem os órgãos do nosso corpo em funcionamento e experimentar o desequilíbrio e insegurança pela ausência quase total de som.

Todo o fenómeno da vida humana e da própria natureza têm uma preexistência no silêncio, e no vazio. Assim como o vento se pode ver através das árvores, no seu balanço, o silêncio estampa-se subitamente quando olhamos as montanhas. Delas, a quietude inunda-nos de paz e, por instantes, não pensamos em nada... o silêncio suspende a própria vida e mergulha-nos no universo da criatividade, da origem, do princípio.

A natureza é silenciosa. Não pensa, aceita estar ao vento e à chuva. Não discute, não reclama lugar. Não tem ego. Vive no silêncio e alimenta-se dele. Mesmo no meio de barulhos e agitação, ela mantém-se imóvel e tranquila. A sua maturidade ultrapassa a maturidade humana. Nada a perturba, porque está enraizada, alinhada, reunida entre céu e terra, amadurecida e terna!

“Silêncio” é o que faz a natureza: vive e morre, sem pensar que vive ou morre.

Só o homem insiste em desclassificar a importância do silêncio na vida cotidiana, e quando o assiste assusta-se (Muitas vezes se associa silêncio à morte).

Só quando está disciplinado, o silêncio exterior não afeta o silêncio interior, bem como os ruídos.

Os Monges Budistas sabem que “Tudo, na verdade, depende da mente. Se alcançarmos um estado de tranquilidade, sons e ruídos serão apenas sons e ruídos”.

Para muitos, estar em silêncio torna-se constrangedor e falam-se coisas banais para preencher esse vazio, mas quando dois amigos se sentam e simplesmente se mantêm em silêncio, isto quer dizer que o silêncio já foi conquistado pela própria amizade.

Um dia, perguntaram-me qual o meu carro favorito: “Um carro de bois” - Respondi. Para além da sua beleza nas

linhas simples e rudimentares é, antes de mais, o símbolo que representa o saborear da vida a cada momento, de estar enraizado na terra, de ter uma relação direta com os animais e a natureza.

O vagar do seu andar, permitindo que tudo possa ser visto e apreciado, e os cinco sentidos que se abrem à passagem do cheiro da terra molhada pela manhã ou do pão acabado de cozer. Por si só, o silêncio se mostra e apresenta!

### *O silêncio e a música*

O som sempre há de existir, mas o silêncio, esse deve ser disciplinado.

Há um dia, na nossa vida, em que descobrimos a Importância do Silêncio, de parar, de abrandar, de estar simplesmente “quieto”, sem nos movermos...Estar apenas. Este ato de calar e aquietar, leva-nos até nós mesmos, sem máscara e sem adornos. Silenciar é a única forma de religar o nosso íntimo com Deus e a Origem.

Desde sempre que o ser humano experimenta o silêncio, seja por incapacidade de resposta ou responsabilidade. “Silêncio” pode sempre ser uma excelente resposta, e faz toda a diferença para a interpretação daquilo que estamos a ouvir. Saber ouvir, tem guardado um ato de silêncio. Na pauta, lembra-nos a beleza da Música; na Vida, dá-nos a dimensão real d’ela.

No nosso dia-a-dia, poucos são os momentos, ou nenhuns, em que o silêncio é permitido, levando-nos à quase rutura física e psicológica, embrulhada de Stress e irritabilidade e ansiedade em tal dimensão que nos fazem perder o sentido principal da vida: atingir felicidade. O ruído conduz-nos até ao mundo da distração, afasta-nos pelo mundo das ideias e imagens pré-concebidas, aprisiona o nosso espírito na inquietude, tirando-lhe a sensibilidade da importância do silêncio e da pausa.

Nos dias de hoje, em que somos comandados por telemóvel, televisão e computador, e cujo ritmo dos dias é de tal forma acelerado que mal podemos cumprimentar o próprio amigo, o tempo esvai-se rapidamente e não aproveitamos o melhor dele. Distanciamo-nos mais e mais da nossa origem. Quando diante de uma conversa, um Recital, ou no Teatro ou numa sala de aula, surge, inesperadamente, uma pausa... silêncio... ficamos imediatamente alerta, atentos! O que acontece é estarmos a sair do mundo dos nossos diálogos interiores, causado pela ausência de som naquele momento, e o nosso próprio barulho aumenta de volume; a mente não está tranquila.

# A arte do silêncio...



Mas, na Música, o silêncio tem peso, medida e ortografia, assim como é uma combinação perfeita de sons e silêncios.

Música é a sua expressão profunda. Poderia dizer que a música é o próprio corpo do silêncio, é a sua parte mais densa e o Silêncio, o que transporta os sons a todas as direções... Silêncio-Espírito e Música-Corpo.

Creio que as grandes obras musicais surgem de profundo imergir no silêncio, no vazio. Sem pontos na mente para focar, há um mar imenso livre, fluido, capaz de mostrar toda a dimensão do universo criador, e que silenciar eleva o espírito, enquanto a Música silencia o Corpo.

## *Um manto de silêncio*

Meditação sentado, Zazen

Repouso e movimento são necessários para o equilíbrio emocional.

No oriente, a prática de meditação é comum. É um caminho que educa o ser humano a desenvolver o seu lado silencioso. Silenciar não é “não falar” ou estar num lugar sem barulho, mas sim um estado de espírito quieto, que não se altera com os movimentos exteriores a si.

Na prática de meditação, sentar e meditar, Zazen, é tornar-se imóvel, plástico, moldável.

## *As palavras e o silêncio*

Nem as vestes dos monges devem fazer barulho...

Das palavras: a personalidade, a identidade de cada um.

Mostramo-nos através da vestimenta-palavra. Se elas constroem a nossa personalidade, a nossa máscara, já através do silêncio somos muito diferentes: somos nós mesmos, somos aquilo que nascemos, ainda antes da formatação das palavras.

Em retiros de silêncio, reparamos que as palavras não são necessárias, que mais do que aquelas, os atos fazem a nossa pessoa, e mais autêntica, mais genuína e mais simples.

Simplificamos os gestos e o modo de pensar, ocupamo-nos em nos manter silenciosos internamente, sem que nada nos perturbe. Procuramos manter o silêncio para que as tarefas sejam cuidadosamente executadas. E neste espírito, podemos estar atentos aos outros e às suas necessidades.

As verdadeiras palavras envolvem-se de muito silêncio num movimento interno, podendo expressar o valor do espírito.

# A arte do silêncio...

*Do outro lado do silêncio também cá estamos!*

Ana Maria Magalhães, Educação Especial, Especialização em Surdez

O café Gulbenkian fica situado a escassos metros do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian. É uma empresa familiar, com características multiculturais e com acessibilidade garantida a pessoas com deficiência. Estas características advêm do facto de os elementos que constituem esta empresa terem formação superior especializada em diferentes áreas da educação. Por isso, a remodelação e decoração foi feita em equipa, com a colaboração de clientes e amigos, alguns com características especiais.

O logótipo das chávenas foi concebido pela Sara Ribeiro, uma amiga surda profunda, que frequenta, na Escola Superior de Educação do Porto, o Curso de Multimédia e foi minha aluna durante o ensino secundário. Digo isto com enorme orgulho e sei que foi concebido com re-



quintado empenho e o melhor enquadramento. Ao colocar um utente de cadeira de rodas a deslizar pela pauta de música e identificar em Braille e Língua Gestual Portuguesa as iniciais do nome do café, a designer, não só quis garantir a acessibilidade ao café, como também “pisar o olho” ao Conservatório para dizer – nós também cá estamos!

E estão. De facto, o café é frequentado diariamente não só pelos alunos, funcionários e professores do Conservatório de Música, mas também pelo cidadão comum e especialmente pelos meus antigos alunos surdos, cegos, com limitações físicas, limitações intelectuais, colegas de profissão e amigos. Estes clientes podem envolver-se nas atividades promovidas ao longo da semana, nomeadamente workshops de Braille, Língua Gestual Portuguesa, Informática, Bordados Regionais, Música e outros.

Lecionei durante cerca de trinta e três anos, a maior parte destes, em escolas do ensino secundário e instituições particulares de solidariedade social, turmas com alunos surdos e/ou com outras necessidades específicas. Naturalmente que tenho boas e más experiências para partilhar. Como professora especializada na área da surdez, envolvi, várias vezes, os alunos em atividades ligadas às artes como a fotografia, teatro, música e dança e tive uma experiência muito interessante neste Conservatório de Música, em Maio de 2008, com a apresentação pública de uma peça de teatro intitulada *Sentir a Arte e Sonhar Com o Futuro*, concebida na disciplina de Área de Projeto, de uma turma de alunos surdos do 12.º ano, em que fui a titular da disciplina e responsável pela apresentação da peça. Foi uma experiência única, que ficará na memória de todos em especial dos atores surdos e cegos que contracenaram exemplarmente, dançaram tango, valsa e chá-chá-chá, sem hesitarem um passo ou falharem uma melodia. Com eles con-

tracenaram e dançaram os seus professores e intérpretes de Língua Gestual Portuguesa. Foi maravilhoso ver o auditório cheio, ver os familiares dos atores incrédulos, com a segurança que estes transmitiam em cada gesto, em cada dança...

Tratando-se de surdos adolescentes ou de adultos, será interessante perceber se os surdos gostam de aprender música, ou de que forma é que a música pode promover o convívio e uma melhor integração social. Não me canso em dizer que a única característica dos surdos não é seguramente a surdez. Os surdos têm, como os seus pares ouvintes, interesses e necessidades, próprias da sua faixa etária, nomeadamente a necessidade de aceitação e de afirmação social. Os surdos diferem muito entre si, quer pelo grau e tipo de surdez que cada um possui, quer pelas diferentes experiências culturais, económicas, sociais e familiares. Sobre este aspeto é cada vez mais notório o avanço provocado pelas novas tecnologias, considerando os efeitos visuais e sonoros, potenciados pelos equipamentos, na produção musical e a autonomia conseguida através da pesquisa e comunicação na internet, o convívio nas redes sociais etc. Ter conhecimento, por exemplo, da data de um concerto, do ritmo de uma música “in”, saber da atuação de um cantor ou de um grupo musical que está na moda, ou que passa com frequência nas discotecas e é apreciado pelos pares ouvintes é, seguramente, uma forma de socialização, aceitação e promoção social para um surdo.

Mas, também assisti, por vezes, à insatisfação por parte dos surdos e dos seus familiares, que se sentiam agredidos com a imposição da disciplina de Educação Musical no currículo e pelos métodos utilizados em algumas abordagens pedagógicas. E, aqui, será importante questionar se o ensino da música deve ser uma obrigatoriedade ou uma oferta, e perceber se o surdo está a ser forçado a participar de algo que não leva em conta as suas características biológicas. Tenho ideia que, tratando-se de uma área contestada pelos surdos e pelas suas famílias, seja necessário que alguns pressupostos sejam eventualmente revistos.

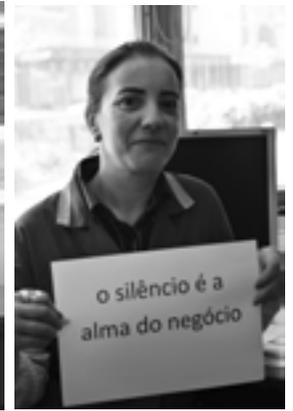
Muitas pesquisas e interesses profissionais têm surgido em Portugal, especialmente após a década de 90, em que a publicação de legislação regulamentou a integração dos alunos com necessidades educativas especiais nas escolas regulares. Mas, neste processo de integração e inclusão, muito embora se tenha feito um grande esforço, quer no aperfeiçoamento legislativo, quer no atendimento especializado, ainda assistimos a episódios lamentáveis de discriminação.

Pode e quer o Conservatório de Música Calouste Gulbenkian pensar numa forma de criar condições de acessibilidade para pessoas com deficiências aos concertos, ao contacto com os instrumentos musicais, ao conhecimento musical e, eventualmente, ao ingresso e à frequência do ensino da música.

# A arte do silêncio...

## Silêncio auxiliar

João Tiago Magalhães, AI, Carlos Domingues, PEE



# Efeméride



## Alexander Scriabin (1872-1915)

Catarina Trindade, 12.ªA

Scriabin nasceu em Moscovo, em janeiro de 1872. Foi um compositor de música para piano e para orquestra destacada pelas suas harmonias totalmente inovadoras que explorava. Scriabin foi treinado como soldado em Moscovo, na década de 1880, enquanto estudava música e tinha aulas de piano. Em 1888, tornou-se aluno do Conservatório de Moscovo onde teve aulas com grandes compositores como Anton Arensky e Sergey Taneyev. Casou-se em 1897 com a pianista Vera Isakovich e, de 1898 a 1903, deu aulas no Conservatório de Moscovo. Depois de se ter lançado no mundo da música, lesionou a mão direita e assim deixou a carreira pianística de parte, dedicando-se inteiramente a compor. Instalou-se na Suíça, no ano seguinte a deixar o Conservatório da sua terra natal.

A partir do século XX, começa a demonstrar a sua visão filosófica mística, plenamente simbolista que influenciou profundamente a sua abordagem composicional, não só nos programas que apresentam as suas obras, mas também nas suas inovações harmónicas e melódicas. Nunca tendo, na verdade, adotado a atonalidade, Scriabin foi mais longe do que qualquer outro compositor do século XIX ao escapar do sistema tonal. Um aspeto característico das suas séries harmónicas é o chamado “acorde místico”. A sua Sinfonia nº1, composta em 1900, demonstra essa tal filosofia mística com uma glorificação da arte como forma

de religião no coro final. Obras como “Poema do Êxtase” (1908) e “Prometeu” (1911) revelam ideias teosóficas na sua base. Em 1906 e 1907 esteve nos Estados Unidos da América, onde deu concertos com Safonov (seu professor de piano no Conservatório de Moscovo) e o maestro Modest Altschuler. No ano seguinte, frequentou os círculos teosóficos de Bruxelas. Voltou para a Rússia em 1909 por encorajamento do maestro Serge Koussevitzky. A partir daí, Scriabin não pensava na música como uma arte só. Tinha em vista uma obra que abrangesse todas as artes, à qual chamaria “Mistério”. Este trabalho seria aberto com um “ato litúrgico” no qual a música, a poesia, a dança, as cores e até aromas se uniam. Como resultado deste plano, escreveu o poema “Ação Preliminar” para “Mistério”. Da parte musical desta obra apenas foram deixados esboços.

A sua elevada reputação deve-se essencialmente às grandiosas sinfonias e à música para piano, sensível e elegante. Apesar de ter sido um grande fã de Chopin durante a sua juventude, Scriabin foi desenvolvendo um estilo muito pessoal. Um estilo que se tornou cada vez mais místico e egocêntrico com o passar do tempo. Só na década de 1960 é que surgiram análises significativas do seu trabalho, apesar de a sua música ter sido muito apreciada pelos modernistas. Scriabin morreu a 27 de abril de 1915, celebrando-se este ano o centenário da sua morte.

## Luís Pipa, Piano

### Biografia

Nascido na Figueira da Foz, iniciou os estudos de piano no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga com Natércia Gonçalves, prosseguindo mais tarde os estudos com Maria Teresa Xavier no mesmo Conservatório e no Conservatório de Música do Porto, onde se diplomou com distinção. Entre 1983 e 1986, aperfeiçoou-se na classe de concerto de Noel Flores na Hochschule Für Musik und Darstellende Kunst de Viena, tendo posteriormente obtido o grau de Master of Music in Performance Studies na Universidade de Reading, Inglaterra e o grau de Doutor (PhD) em Performance na prestigiada Universidade de Leeds, na sequência de uma investigação sobre o grande discípulo de Liszt, José Vianna da Motta.



Estudou ainda com as pianistas Helena Sá e Costa e Laura O' Gorman, mas também contactou com figuras como Sequeira Costa, Jörg Demus, Marian Ribicky e Graham Barber.

Desde muito cedo, a sua vocação para o ensino levou-o a exercer funções docentes no Conservatório de Música de Braga, na Academia de Música de Viana do Castelo e na Universidade do Minho. Integrou, por diversas vezes, juris de concursos pianísticos, sendo frequentemente convidado a orientar masterclasses em Portugal e no estrangeiro.

Luís Pipa apresenta-se, regularmente, em recitais a solo, integrando grupos de câmara, ou como solista de diferentes orquestras. Da sua colaboração com outros músicos, destacam-se os nomes dos violinistas Gerardo Ribeiro, Sergey Arutyunian Eliot Lawson e Gustavo Delgado, os violoncelistas Paulo Gaio Lima, Jaroslav Mikus, Alexander Znachonak e Pavel Gomziakov, o flautista Olavo Tenger Barros, os clarinetistas Allessandro Carbonare e Vítor Matos, os cantores Rui Taveira, Sara Braga Simões e Oliveira Lopes, e os maestros Gunther Arglebe, Christopher Bochmann, Miguel Graça-Moura, António Soares, António Baptista, Miguel Clavel, Vasco Faria, Vítor Matos, Alber-

to Roque, Francesco Belli, Ernst Schelle e Hans Casteleyn. A ele se devem primeiras audições absolutas de algumas obras, nomeadamente dos compositores Luiz Costa, João Heitor Rigaud e Christopher Bochmann, sendo também autor de peças para piano, música de câmara e canções, bem como de publicações de caráter pedagógico e científico. Das suas mais recentes apresentações, destacam-se, para além de masterclasses em Portugal e Itália, apresentações na “Guimarães 2012, Capital Europeia da Cultura”, no Festival Internacional de Música de Aveiro, Casa da Música (Porto) e Teatro Circo (Braga).

Tem-se interessado por outras formas de expressão artística, participando em projetos com os pintores Álvaro Rocha e DeMiranda e os atores/encenadores António Du-rães e António Fonseca.

Luís Pipa possui uma vasta produção discográfica, que contempla repertório desde o barroco ao século XX incluindo, entre outras, obras de compositores como Bach, Scartatti, Mozart, Beethoven, Schubert, Schumann, Mendelssohn, Debussy, Khachaturian, assim como numerosas obras de compositores portugueses e algumas das suas próprias composições, como é o caso do seu CD ‘Portugal’, de 2009. Faixas deste CD figuraram na seleção oficial da companhia aérea portuguesa TAP, incluindo sonatas de Carlos Seixas e ‘My Beautiful Blue Country’, a sua aclamada versão introspetiva para piano solo do Hino Nacional de Portugal.



É professor de piano e música de câmara, na Universidade do Minho, sendo diretor do Mestrado em Ensino de Música da mesma instituição.

Foi recentemente convidado para o lugar de presidente da European Piano Teachers Association (EPTA) - Portugal e Vice Presidente da EPTA internacional. Vem citado no Marquis Who is Who in the World, tendo sido considerado um dos ‘Top 100 Educators 2012’ pelo International Biographical Centre.

# Minimúsicos



Alexandra Queirós, 4.ºB

## À Luz da Música

À luz da música,  
tocam instrumentos que eu adoro ouvir!  
Ora é um clarinete, um fagote, um saxofone...  
Ora é um violino, uma viola, um violoncelo...  
Mas afinal, o que é?  
É um grupo?  
É uma banda?  
É uma cor?  
Não, não é!  
É uma orquestra!  
É um maestro!  
É um tenor, uma soprano!  
Afinal é a MAGIA da MÚSICA !

Rafaela Barbosa, 4.ºA

## O canto da onda

Um dia, na praia a cantar,  
Vi uma onda a chegar e pareceu-me ouvi-la entoar.  
De seguida, lembrei-me que o meu canto é semelhante melodia,  
Será da minha imaginação ou simplesmente fantasia?

Fechei os olhos e surgiu uma pauta a dançar,  
Um do, um ré, um mi... não estaria eu, a inventar?  
Encantada, com este som intenso e magnífico,  
Sorri, vendo o mar tão imenso e pacífico!

Senti algo em mim, era a música a soar,  
Mas afinal, estava enganada.... Era a onda a chamar,  
Então, entrando na sua batida, decidi mergulhar!

Beatriz Teles, 4.ºA

## No País dos Sons

No País dos Sons, as figuras musicais estavam reunidas no coreto da praça principal.

Gerou-se uma grande discussão entre a Semibreve, a Mínima, a Semínima e a Pausa de Semínima.

- Eu sou a mais importante de todas as figuras musicais pois faço música com silêncios.- discursou baixinho a Pausa.

- Mas há muitas músicas sem ti! – protestou a Mínima.

- Eu sou 4 tempos, e vocês todas juntas valem tanto tempo quanto eu sozinha! – resmungou a Semibreve.

Foi, nesse momento que a Semínima decidiu intervir:

- Isso não tem qualquer importância. Claro que sou eu a principal porque sou a preferida de todos os compositores. Não há partitura onde eu não esteja...

No meio daquela confusão toda, a Fusa mostrava-se muito triste e desiludida, acompanhada pela sua filha, a Semifusa, que era atleta de velocidade e acabara de chegar das Olimpíadas da Música.

- O que aconteceu? Estás bem? O que se passa? – perguntaram todas numa salgalhada.

- A minha mãe está triste porque nunca foi escolhida para Prémio Nobel da Arte Musical. – explicou a atleta.

- Bem, não me admira! Não é usada tanto quanto eu. – gabou-se a Semibreve.

- Não comeces...- reclamaram todas.

Foi nesse momento que a Fusa desmaiou. A Mínima, mais acelerada que o habitual, correu para buscar o xarope “Luz da Música” e colocou uma colherada na boca da amiga.

- Mas afinal, qual o interesse do assunto que estávamos a discutir? – questionou a Pausa.

Ouviu-se o silêncio no coreto...

A Colcheia, que passava por ali apressada, teve tempo apenas para anunciar:

- Convido-vos para lanchar na minha casa!

Aquele dia acabou com um lanche fantástico em que todas as figuras musicais dançaram e cantaram, ao ritmo de cada uma.

Texto coletivo, 4.ªA

## Somos felizes!

Trouxeram-nos os nossos pais,  
p’ra nesta escola aprender e apreciar  
a linguagem da paz,  
e acreditem, que só agora sabemos,  
quanto bem isso nos faz.

Aprendemos o alfabeto,  
a ler, escrever, contar  
conjugam verbos, dividem orações  
mas, o que mais nos alegra  
é fazer novas canções.

Crescemos, e cada dia,  
nesta escola de alegria  
de trabalho e de canseira,  
fazem-nos falta os instrumentos  
como nos faz a lancheira.

Alimentação sadia,  
Alma cheia de alegria  
E trabalho a faltar,  
Corremos de sala em sala  
Sempre música a escutar.

Somos, pequenos, atrevidos  
Entusiastas, criativos  
faladores, inquietos  
mas ler, ouvir ler, ouvir música é o segredo  
para ficarmos calmos, serenos, “quietos”.

Somos felizes aqui e assim...

Texto coletivo, 4.ªA

# Entrenotas

Notícias do CMC

## Prémio Jovens Músicos 2014

João Tiago Magalhães, AI



Na última edição do Prémio Jovens Músicos 2014, a nossa aluna de trompa Edna Fernandes conquistou o primeiro prémio nível médio o que lhe permitiu, para além do valor pecuniário, de realizar um concerto e gravação para a Antena Dois e a participação no concerto de laureados, como solista com a Orquestra Gulbenkian. Para além disso, a Fundação Calouste Gulbenkian atribuiu-lhe uma bolsa no valor de 1500 euros destinada a financiar exclusivamente ações de formação (master classes ou estágios no país ou estrangeiro).

A Edna ainda obteve o Prémio Professor Adácio Pestana, destinado a aperfeiçoamento artístico em Portugal ou no estrangeiro.

Parabéns ao Professor Nelson Braga que se dedicou tanto à Edna e parabéns à Edna pela sua formidável prestação!

## Masterclass com Lisetta Rossi

Eleonor Picas, Harpa



## II Workshop de Jazz

Romeu Costa, Saxofone



O II Workshop de Jazz decorreu de 17 a 19 de Dezembro e foi orientado pelos músicos Manuel Beza (Piano), Manuel Marques (Saxofone), Hugo Carvalhais (Contrabaixo) e Alexandre Coelho (Bateria). Destinava-se a alunos de qualquer instrumento, a partir do 3º grau, e participaram perto de 30 inscritos, na sua grande maioria alunos do Conservatório. Durante os três dias, o trabalho foi intenso e os alunos inscritos assistiram a aulas sobre harmonia e improvisação, tiveram aulas práticas com o seu instrumento em pequenos grupos, trabalharam e prepararam alguns temas para apresentar e viram um pequeno filme sobre a história do Jazz produzido por Manuel Beza. Os temas preparados pelos

participantes foram tocados no concerto final, que contou também com a execução de dois temas pelo quarteto de músicos convidados. O balanço é muito positivo e foi bom ver os alunos apresentarem um concerto interessante, numa área musical pouco familiar.

O principal objetivo do Workshop foi alargar o plano de formação dos alunos e transmitir o “bichinho” da improvisação e do Jazz, estimulando a compreensão musical, a criatividade, a capacidade auditiva, rítmica e o gosto pela música. Foi também uma oportunidade para toda a comunidade escolar usufruir de algo que já se pratica numa base mais regular, em muitas escolas do país.

## II Festival de Guitarra de Braga

Vítor Gandarela, Cordas



Depois da confirmação inequívoca expressa pelos comentários e adesão do público à 1ª edição do Festival de Guitarra de Braga, realizou-se, no presente ano letivo, a sua 2ª edição, (25 Fevereiro – 29 Março), com concertos realizados no CMCG e noutros espaços do património arquitetónico Bracarense de indubitável interesse patrimonial, muitos deles pouco conhecidos, potenciando-se assim simultaneamente a sua divulgação (Igreja da Conceição, Capela de Nª Sª da Penha de França).

Este festival resulta de uma parceria estabelecida entre a Câmara Municipal de Braga e o CMCG, com direção e coordenação do prof. Vítor Gandarela.

Nesta 2ª edição, procurou-se introduzir alguns elementos inovadores, numa procura da criação de momentos de fruição musical proporcionadores de uma maior aproximação do público, apelando à sua envolvimento participativa no espaço fenomenológico do concerto e cuidando as condições acústicas nos vários espaços de realização dos concertos para um vivência musical mais plena e gratificante. Assim, realizou-se um concerto comentado sobre Música Portuguesa para Guitarra (intérprete: Paulo Peres) e outro num formato pouco convencional designado por “3 guitarras/ 2 Obras/ 2 Intérpretes, Várias opiniões...”. Neste concerto, após uma apresentação sobre os elementos acústicos da guitarra a cargo do prof. Luís Henrique, figura de reconhecida importância no âmbito da Organologia e Acústica

Musical, o público foi convidado a participar numa apreciação musical de três instrumentos distintos não conhecidos dos intérpretes, segundo a interpretação repetida de 2 obras contrastantes nesses três instrumentos (intérpretes: Maria Paula Marques e Gil Fesch) com uma discussão final sobre os resultados apurados. O concerto de abertura esteve a cargo da jovem, mas já muito reconhecidamente premiada, Petra Polackova (república Checa) executando a 1ª parte do concerto numa Guitarra Romântica de 9 cordas (reprodução de um instrumento histórico de Nicolaus Georg Ries, Vienna 1840). Pudemos também ouvir, em dois momentos musicais diferentes, uma representação da classe de Guitarra da Universidade de Évora e dois jovens promissores guitarristas premiados do I Concurso de Guitarra da cidade vizinha de Guimarães (João Rocha e Robi Meys). O concerto de encerramento esteve a cargo do prestigiado quarteto aragonês “Terpsícore”, com uma proposta programática muito diversificada, com algumas obras dedicadas de compositores de grande relevância no panorama contemporâneo da composição para guitarra, como reflete o seu último trabalho discográfico, recentemente publicado. Neste concerto podemos contar com a presença de um dos compositores das referidas obras dedicadas.

Como habitualmente, o festival integra também uma componente pedagógica, este ano materializada por uma masterclass orientada por Petra Polackova e um workshop versando a temática das proveniências do repertório guitarrístico com audição e análise sumária de obras significativas do seu alargado acervo de repertório, sob orientação dos professores Ricardo Cerqueira e Vítor Gandarela, coordenador e diretor artístico do festival.

Numa perspetiva de continuidade e gradação qualitativa, esta foi a proposta para a edição 2015 do festival num esforço conjunto da parceria Município de Braga / Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga.

## À descoberta do mundo... *Visitas de estudo*



### *Visita de estudo ao Porto*

Uma visita ao World of Discoveries e uma ida ao teatro compôs a visita de estudo dos alunos dos 5.º e 6.º anos, que se realizou em fevereiro. O almoço teve lugar nos jardins do Palácio de Cristal.



### *Batalha e Aljubarrota: visita do 4.º ano*

Maria do Céu Silva, Primeiro Ciclo

O Mosteiro da Batalha e ao Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota foram o destino da visita de estudo dos alunos de 4.º, acompanhados pelas professoras e por três encarregadas de educação, que se realizou em fevereiro.

### *Concertos e Literatura em Lisboa*

Helena Queirós, Formação Musical



Os alunos do 10.º e 11.º anos, realizaram uma visita de estudo a Lisboa, de dois dias, tendo a oportunidade de assistir a dois concertos musicais, de visitar o Museu Gulbenkian e conhecer o centro da cidade e a sua importância na vida de autores como Eça de Queirós e Fernando Pessoa.



### *Viagem de estudo a Barcelona*

Os alunos do 9.º ano foram numa viagem de estudo a Barcelona, durante três dias, na interrupção do carnaval. Além dos museus e do património arquitetónico da cidade, visitaram também o estádio de futebol e regressaram pelo parque temático Port Aventura.



### *Visita de estudo às gravuras rupestres*

Os alunos de 7.º ano do CMCG participaram numa visita de estudo, de dois dias, que incluiu o Parque do Douro Internacional e as Gravuras e o Museu de Foz Côa.

### *Visita de estudo "Viagem pelo Conhecimento"*



Os alunos de 8.º ano viajaram pelo conhecimento durante um dia. A viagem incluiu o Visionarium, o Planetário de Espinho e o World of Discoveries. Durante a hora de almoço no planetário, alguns alunos mostraram os seus dotes ao piano, surpreendendo os outros visitantes com concerto improvisado.

O concerto da Orquestra Gulbenkian, com a maestrina Joana Carneiro e o solista Pavel Gomziakov, superou qualquer expectativa tornando-se numa experiência enriquecedora e entusiasmante perante o talento e virtuosismo quer da orquestra, quer dos intérpretes. A sala de concerto para além de ser fantástica, teve um público maravilhoso, gerando um ambiente amistoso e simpático.

O segundo concerto a que tivemos o privilégio de assistir foi o da Orquestra da Metropolitana, tendo como solista o vencedor do prémio "Inatel 2015", Carlos Miguel Araújo, ex-aluno da nossa escola. Este concerto foi também de grande qualidade artística fazendo os nossos alunos sonharem o seu futuro.

# Alguns concertos em imagens

*Sarau Barroco*



*Concerto de Natal*



*Concerto "Na Rota das Catedrais"*



*Concerto da Páscoa*



*Concerto da Semana Santa*



*Concerto de Reis no Centro Cultural de Belém*



*Intercâmbio Luso-Galaico*



# Entrenotas

## Notícias da Biblioteca

Anabela Vilela, Coordenadora da BE

### Comemoração da Declaração Universal dos Direitos do Homem



### Maratona de Cartas



Na semana evocativa do Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, decorreu a campanha de recolha de assinaturas dirigidas aos chefes de estado de vários países do mundo que têm nas suas prisões homens e mulheres por razões políticas ou religiosas. Esta iniciativa é promovida pela Amnistia Internacional.

Alunos e professores aderiram com entusiasmo e foram recolhidas mais de 400 cartas.

Há 66 anos, corria o dia 10 de dezembro de 1948, a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou um documento que marcou uma conquista civilizacional que urge proteger. Como tem sido prática, a Biblioteca Escolar do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian associou-se, uma vez mais, a esta celebração, tendo solicitado a professores e alunos colaboração na produção de materiais alusivos aos Direitos Humanos. Construíram-se cartazes, textos e uma árvore dos direitos humanos. Todos estes materiais estiveram expostos na biblioteca.

### Semana dos Afetos

A Biblioteca do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian assinalou a Semana dos Afetos com uma exposição de livros sobre a temática. O espaço da biblioteca foi, ainda, embelezado com a Árvore dos Afetos preenchida com mensagens escritas pelos alunos. A Poesia marcou também presença nesta festa onde se apelou, sobretudo, para a necessidade de mantermos vivos os valores indispensáveis à construção e desenvolvimento de cada um.

Houve ainda espaço para se promoverem sessões sobre os perigos da internet.



## Mário Cláudio veio ao CMCG



Auditório Adelina Caravana. Final de tarde, segunda-feira, 2 de março. Dia chuvoso! Os alunos do ensino secundário reuniram-se para ouvir o escritor Mário Cláudio. O escritor falou da sua ligação à cidade de Braga, aos livros e à música. Centrou o seu discurso num dos romances inserido na *Trilogia da Mão* (espécie de meditação sobre as raízes míticas da portugalidade) intitulado *Gui-*

*lhermina Suggia*, história sobre uma violoncelista portuense considerada expoente mundial do instrumento, na primeira metade do século XX.

Houve ainda tempo para responder às curiosas questões dos alunos.

É sempre uma mais-valia, em prol da leitura e do desenvolvimento de novos leitores, a vinda de um prestigiado escritor à escola.

## Concurso Concelhio de Leitura



No dia 17 de março, decorreu a 2ª fase do Concurso Concelhio de Leitura, na Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva. Num ambiente de muita alegria, descobertas e experiências, os nossos alunos estiveram de parabéns pelo empenho que demonstraram na realização das provas. É de realçar o facto da aluna Carolina França, do 5.ºB, ter ficado entre os três finalistas da sua categoria. Parabéns à Carolina e aos alunos seus colegas participantes.



## Dia Mundial da Poesia

As alunas, Sofia Cerdeira e Carolina Gomes, do 4.ºB representaram muito bem a nossa escola, com a leitura de um poema, na Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva, no Dia Mundial da Poesia, na atividade “Ondas de Poesia”.

Parabéns às alunas e à professora Rosalina!

## Concurso Nacional de Leitura



No dia 23 de abril, Dia Mundial do Livro e dos Direitos de Autor, decorreu, no Parque de Exposições de Braga, a 2ª fase do Concurso Nacional de Leitura. O Conservatório fez-se representar pelas alunas Ana Filipa Teixeira, Maria Carolina Magalhães e Beatriz Salgado, do 9.º ano. Este concurso teve como objetivo central estimular o treino da leitura e desenvolver competências de expressão escrita e oral. Foi uma tarde bem passada em redor das leituras, congregando momentos de convívio, dança, música e teatro.

## Semana da Leitura



A Semana da Leitura 2015 (2 a 9 de março) subordinada ao tema “As palavras do mundo” foi uma semana plena de atividades norteada por um objetivo primordial: promover o gosto pela leitura e fomentar ativamente o seu hábito em todos os contextos de vida.



Viajamos, ao longo da semana, por outros universos, realidades, envolvências... e acreditamos que assim se chega aos leitores através de iniciativas que têm tudo para espoletar o processo de adesão à leitura recreativa, a leitura livre e prazenteira.

# Entrenotas

## Diálogos multiculturais

Joana Gil, Português como Língua não Materna



No dia 6 de março, no âmbito da Semana da Leitura desta escola, decorreu uma atividade intitulada: “Diálogos Multiculturais” que contou em particular com a presença do aluno Graciano Ding, do 8.º ano, bem como dos alunos do 9.ºA. Esta sessão decorreu durante a aula de francês em colaboração com a respetiva docente, professora Sandra Raquel que, prontamente, acedeu à solicitação dos elementos da equipa da biblioteca.

Tratou-se de um momento muito enriquecedor, de verdadeira partilha de culturas, hábitos, valores e experiências.

O aluno leu um pequeno texto da sua autoria, sobre a sua cidade, escrito em português, falou da sua experiência como aluno e de como tem sido recebido pela comunidade portuguesa. Deu conta do seu sentir enquanto cidadão que pouco ou nada dominava a língua portuguesa, mas que atualmente se encontra na excelência, apresentando um nível de proficiência linguística que ultrapassa largamente as expectativas de todos.

Falou do sistema educativo e de ensino na China, estabelecendo um interessante paralelo com o que se passa em Portugal. Leu um texto em mandarim, em português e em inglês e escreveu algumas palavras na sua língua materna a pedido dos colegas.

A turma participou com imenso entusiasmo e interesse, tendo os alunos oportunidade de colocar inúmeras questões, satisfazendo, assim, a curiosidade e enriquecendo a sua cultura. O tempo foi escasso para este diálogo multicultural que constituiu um momento de excelência devido ao empenho de todos os envolvidos.

Os alunos não procuraram o tempo de intervalo, tendo prolongado a conversa até ao início da aula seguinte.

## Evocação do 25 de Abril

Alexandra Vieira, História



## Palestra “A Fotografia Rasgada”

A partir da visualização do documentário do luso descendente José Vieira, intitulado “A Fotografia Rasgada”, os alunos de 9.º ano debateram a questão da emigração portuguesa para França nos anos 60. O debate foi animado por Artur Coimbra, coordenador do Museu das Migrações de Fafe.



## Palestra “Juventude, ditadura e revolução: vivências”

Os cidadãos bracarenses, Fernando Coelho e Eduardo Jorge Madureira, dinamizaram a palestra relatando as suas histórias de quando eram crianças e jovens, na transição para a democracia, a partir de imagens da época e de recortes de jornais de então.

## O CMCG nas Olimpíadas de Filosofia

António Mendes, Filosofia



As IV Olimpíadas Nacionais de Filosofia realizaram-se, na Escola Secundária de Montemor-o-Novo, nos dias 17 e 18 de Abril de 2015.

As alunas Maria Beatriz Picas de Carvalho Magalhães (11.º A) e Maria Borges Amaro (11.ºB) formaram a dupla que representou pela primeira vez o CMCG de Braga, nas Olimpíadas Nacionais de Filosofia.

As Olimpíadas Nacionais de Filosofia são uma competição em que cada concorrente deve, em 3 horas e sem acesso à Internet ou quaisquer fontes, elaborar um ensaio argumentativo de cariz filosófico sobre um dos 4 temas propostos.

Em 2014, participaram 63 alunos oriundos de 6 colégios privados e 26 escolas públicas. Podem participar alunos dos 10.º, 11.º e 12.º anos que frequentem ou tenham frequentado a disciplina de Filosofia. A avaliação dos ensaios é feita em 3 etapas. Numa primeira fase, cada ensaio é avaliado por três professores, numa escala de 1 a 10. Caso a média dessas avaliações seja igual ou superior a 7, passa à segunda fase da avaliação. Na segunda fase, cada ensaio é avaliado por mais dois professores. Os ensaios com melhor média das 5 classificações anteriores são finalmente avaliados por uma comissão de especialistas. A seriação final dos ensaios têm em conta a média de todas as avaliações recebidas pelos ensaios.

A Beatriz Magalhães conquistou uma menção honrosa com um ensaio sobre o problema do livre arbítrio e determinismo na ação humana e foi convidada a apresentar publicamente o seu ensaio no I Simpósio de Jovens Filósofos, que decorre no próximo dia 3 de Junho no Auditório do Conselho Nacional de Educação, em Lisboa.

## Encontro com o escritor Pedro Eiras

Anabela Vilela, Coordenadora da Biblioteca



Foi um belo momento aquele que se viveu na agradabilíssima companhia do escritor Pedro Eiras. Reunimo-nos para ouvir o escritor falar da sua mais recente criação literária, *Bach*, um livro que se apresenta como uma tentativa de explicar a transcendência da música de J.S.Bach. Pedro Eiras definiu-se como um “teimoso diletante” na procura da essencialidade da música de Bach que ouve todos os dias. As 14 vezes que surgem na ação, segundo o autor, têm como propósito colocar questões ao próprio criador, encontrando, deste modo, a compreensão fora da sua subjetividade. Extraordinário entendimento da ficção!

Foi um encontro extremamente agradável, onde o autor nos falou também do desafio que foi escrever este livro e não deixou sem resposta as curiosas perguntas dos alunos, num registo em que não faltou o sentido pedagógico.

Pedro Eiras, nesta sua primeira visita ao Conservatório, conquistou muitos admiradores... que é como quem diz, leitores prontos a embarcar na viagem rumo ao entendimento da razão de ser da Música e ao conhecimento de cada um como ser individual.

Assim também se fazem leitores!

# Notas desportivas

## Desporto escolar no CMCG

Marta Alves, Educação Física



Mais um ano letivo, e o Conservatório de Música agarrado também à vertente desportiva e os benefícios que daí advêm continua a abraçar com muito carinho o Desporto Escolar de Natação. Este ano, inscreveram-se 50 alunos, do 4.º ao 12.º ano de escolaridade, com participação efetiva de 30 atletas em 3 encontros desportivos locais e 1 regional, e ainda, 4 juizes/árbitros que colaboraram na organização e dinamização dos eventos.



## Curso de Juizes/Árbitros de Natação

No dia 19 de novembro, realizou-se o Curso de Juizes/Árbitros Nível I CLDE, orientado pela Coordenadora do Desporto Escolar, a Professora Marta Alves, seguindo-se o Nível II CLDE, realizado no dia 09 de janeiro, no Campus da Universidade do Minho, sob a responsabilidade do Gabinete Coordenador do Desporto Escolar, com a participação de 4 alunos do 7.º ano, sendo eles: Carolina Ribeiro, Francisca Ribeiro, Guilherme Clemente e Nuno Camarinha.



No âmbito do Desporto Escolar, sob a responsabilidade da professora Paula Campos do Agrupamento de Escolas Carlos Amarante, destacam-se os seguintes resultados na modalidade de Corrida de Orientação:

- Eduardo Dias (7.ºA) - Campeão Regional Infantis Masculino



- Carolina Portela (7.ºA) - 6ª Class. Infantis Feminino Circuito Regional Norte



- Equipa Infantis Masculino - Vice Campeã Regional



- Equipa Iniciados Masculino (André Serra Campos e Samuel Gonçalves), Campeã Regional Norte e Campeã Nacional



# Notas desportivas



A Fase Final Regional de natação apenas para os escalões de iniciados e juvenis, realizou-se, no dia 18 de abril, em Oliveira de Azeméis, com a participação dos seguintes alunos: Daniel Pereira, 6.ºA; Diogo Mota, 6.ºB; Jéssica Vilaça, 8.ºB e Maria Inês Melo, 8.ºB. Também, nesta prova, os alunos conseguiram atingir excelentes classificações. A atleta Jéssica Vilaça conseguiu o 1.º lugar na prova dos 200m costas e o 2.º lugar na prova de 100m costas; Maria Inês Melo, o 3.º lugar, nos 50m bruços e Diogo Mota, o 3.º lugar, nos 50m mariposa.



Jéssica Vilaça e Inês Melo



Diogo Mota e Daniel Pereira

Os resultados foram bastante satisfatórios, não apenas pelas classificações obtidas, mas pela nossa representatividade, tendo sido das escolas com mais alunos a participar nos encontros.

Todos os atletas demonstraram uma atitude exemplar e briosa no seu desempenho, o que se refletiu nos resultados obtidos, uma vez que conseguimos várias classificações com acesso ao pódio em variadíssimas provas. Nomeadamente, os alunos: Ana Gabriel Ribeiro, 5.º A; Carolina França, 5.ºB; Lara Pereira, 5.ºB; Núria Cristino, 5.º B; André Teixeira, 5.º B; José Miguel Freitas, 5.º B; Diogo Martins, 5.º B; Miguel Barrocas, 5.º A e Pedro Borges, 5.º B, no escalão de Infantis A. No escalão de Infantis B, a aluna Ana Marta Prata, do 7.º A. No escalão de Iniciados, o único que dá acesso aos Regionais, os seguintes alunos: Ana Beatriz Dantas, 6.º B; Ana Teresa Pereira, 6.º B; Iris Pereira, 8.ºA; Jéssica Vilaça, 8.ºB, Maria Inês Melo, 8.ºB; Daniel Pereira, 6.ºA; Diogo Mota, 6.ºB; José Alberto Rios, 8.ºC; José João Rodrigues, 8.º C e Ricardo Pereira, 8.ºC.

Parabéns a todos os atletas!



## *Cerimónia de Entrega de Medalhas*

No dia 16 de dezembro de 2014, foi realizada a cerimónia de entrega de medalhas dos 3 primeiros lugares ao grupo/equipa do Desporto Escolar de Natação do ano letivo 2013/2014, onde pudemos contar com a presença da Professora Ana Maria Caldeira, na qualidade de Diretora do Conservatório, que formalizou a entrega das medalhas e que muito contribuiu para o reconhecimento do esforço e aptidão dos nossos atletas.

# Perdidos e achados

## A Melodia das Palavras

Filipa Gomes, 12.ªA

Como se as palavras tivessem um encanto, algo (real ou imaginário) que nos chama para elas; como se as palavras tivessem um timbre específico, cada uma delas afinada na sua própria tonalidade: alegria, saudade, desgosto, paixão, raiva. Cada som distinguido unicamente, cada som despertando em nós reações encadeadas em vícios e prazeres.

É como se as palavras fossem extraviadas e ganhassem vida própria, voltando em mil e uma formas, cada uma com o seu trago, o seu palpar, o seu som. Como se as palavras fossem uma composição do universo e o universo fosse inteiramente música.

É assim que as palavras nos pegam: com as suas escalas manhosas e os seus vibratos selvagens, com as suas melodias calmas, serenas, ou enegrecidas pela alma. É assim que dançamos ao som de um poema, de um discurso, ou mesmo frente a uma simples palavra, porque esta carrega a força inteira de uma melodia. A nossa própria melodia.



*As paredes têm ouvidos e as portas têm olhos, diz o ditado. Aqui, dava jeito que fosse ao contrário...*

# Homenagem às Professoras e ao Sr. David



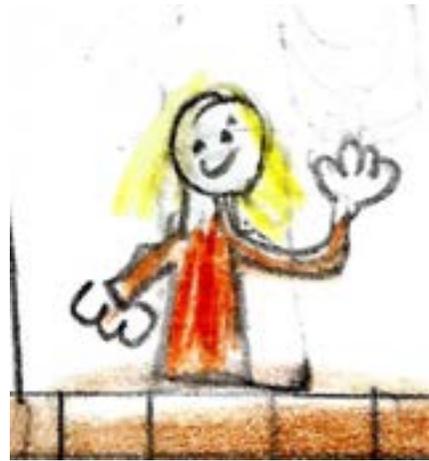
Numa singela homenagem que incluiu, para além de lembranças, a surpresa de alguns dos alunos do CMCg que executaram obras dedicadas às professoras e ao Sr. David. Seguiu-se um magnífico e animado jantar.

O motivo desta celebração foi a dedicação e profissionalismo com que exerceram a docência e a atividade auxiliar imprescindível na reprogramação.



Esta festa homenageou Fernanda Salema, Maria Odete Vieira, Fernanda Peixoto, Sameiro Braga Simões, Teresa Picado e David Braga, entre outros que não puderam estar presentes.

# Perdidos e achados



*Braga, 13 de janeiro de 2014\**

Carolina Magalhães, 8.ªA

Querida Leonor,

Já tinha muitas saudades, por isso decidi escrever-te esta carta sobre a influência da música na vida de cada pessoa. É um bom tema, pois este ano entrei no Conservatório de Música de Braga.

Tocar faz-me uma pessoa diferente. Quando toco, sinto os meus pés a levitar, sinto o cheiro ao perfume daquelas rosas tão vermelhas, vejo um belíssimo jardim de tulipas de um amarelo apaixonante e os meus pés num suave relvado verde.

A música pode ter uma grande influência no amor, na doença, ... em tanta coisa!

Por vezes, escrever uma simples canção que descreve a linda pele da Joana, os verdes olhos do António ou os morenos cabelos compridos da Luísa pode dar força a uma relação amorosa que já não esteja a resultar ou até mesmo fazer com que nova uma comece.

No ano passado, a minha tia estava doente, portanto estávamos todos muito apreensivos e, para fugir daquela preocupação, que se vinha estendendo há dias, fui dar um passeio de bicicleta à beira-mar. No caminho, veio-me uma melodia à cabeça e, quando cheguei a casa, mostrei-a logo aos meus pais que me disseram para gravar a canção e oferecê-la à minha tia no hospital, no dia seguinte. A verdade é que começou a melhorar. Acho que a música lhe deu segurança.

A música pode-nos ajudar a exprimir vários sentimentos que nos possam surgir, como, por exemplo, a raiva, a alegria, a tristeza e muitos outros. Para as pessoas que não são muito confiantes (ou até mesmo as que o são), a música ou a arte, por vezes, descreve muito melhor do que mil palavras.

Quando os músicos de um ensemble estão aborrecidos, mas têm de atuar num concerto, afastam as suas mágoas, mal começam a tocar, porque cada nota que executam em conjunto transforma-se numa harmonia contagiante.

A música é mesmo importante na vida! Até as plantas se tornam muito sensíveis à música clássica e, por isso, podem fazer a fotossíntese mais rapidamente e os animais acalmam-se.

A música até influencia o cinema! Seria possível um bom filme de suspense sem uma excelente, escura e assustadora música de fundo, para assustar as pessoas? Estou a brincar, claro!

Provavelmente, já deves ter ouvido que “cantar alivia a alma”. Quando estás deprimida, experimenta cantares qualquer coisa!

A religião também vive à base da música. Quando vais à igreja costumam cantar alguma música? Acredito que sim, porque a música quer na missa, quer em casamentos, baptizados ou todo o tipo de cerimónias torna essa celebração mais animada, empolgante e sentida.

Apesar de tudo, a música pode ter uma influência menos boa sobre os músicos porque nós, os músicos, somos constantemente postos à prova e, com o stress de sermos músicos (artistas), temos dois rumos: ultrapassamos as dificuldades e seguimos em frente ou, então, descaímos e, num fechar de olhos, estamos despedidos. Às vezes, os músicos não aguentam a pressão com que têm de lidar todos os dias e metem-se nas drogas, no álcool e noutros tipos de ações que levam à desvalorização dessas pessoas. Normalmente, este tipo de situações acontece com pessoas que atingiram o auge da sua carreira e começam a entrar em decadência.

Mesmo assim, a música é música e todos temos de saber lidar com ela.

Tenho saudades tuas. Temos de combinar um encontro... alguma coisa, um dia.

Beijinhos e abraços da tua amiga.

Maria Carolina Picas de Carvalho Magalhães

*\*Texto apresentado ao concurso “A Melhor Carta” 2014, patrocinado pelos CTT*



A décima quarta edição do Estágio da Orquestra de Jovens dos Conservatórios Oficiais de Música(OJ.COM), decorreu em S. Miguel, Açores. O estágio culminou no concerto de encerramento, realizado no Teatro Micaelense, numa organização do Conservatório Regional de Ponta Delgada, com a direção do maestro Ernst Schelle.

Do programa do estágio e concertos constou a ópera *Força do Destino*, de Verdi, o *Concerto para Flauta e Orquestra Ligeira* de Peter Benoit e a ópera *Scheherazade* de Rimsky-Korsakov.

Desta vez, constituíram a orquestra cerca de 80 alunos, selecionados

pelo maestro suíço Ernst Schelle, de entre os sete conservatórios oficiais de Aveiro, Braga, Funchal, Porto, Coimbra, Lisboa e Ponta Delgada, bem como das escolas de ensino artístico de Angra do Heroísmo e Horta.

Em representação do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga, participaram os alunos Mariana Vieira, Maria Inês Monteiro, Carlos Domingues, Ana Isabel Malheiro, Filipa Gomes, Aurora Miranda, Rita Carreiras, Matilde Mano, Gonçalo Pires, Maria Inês Melo, Gonçalo Lopes, Rui Godinho, João Nuno Vilaça, Maria Amaro e Leonardo Fernandes.

6 A 12  
JULHO  
2015

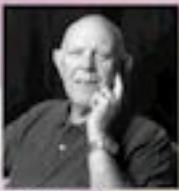
# IV ESTÁGIO de ORQUESTRA

## CMCG

CONSERVATÓRIO DE MÚSICA CALOUSTE GULBENKIAN DE BRAGA

### JEAN-SÉBASTIEN BÉREAU

MAESTRO



Jean-Sébastien Béreau ingressou aos nove anos no Conservatório de Paris onde teve como professores Gerard Mitheut, Olivier Messiaen, Louis Fourestier e Maurice Martenot, entre outros. Com apenas vinte e sete anos foi nomeado diretor de Conservatório de Orquestra Sinfónica da mesma cidade, mais tarde, veio a dirigir igualmente os Conservatórios de Rouen e Estrasburgo. Durante quinze anos foi professor de Direção de Orquestra e responsável pelas três orquestras do Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, colaborou com Pierre Boulez e Leonard Bernstein.

A par da sua actividade docente, Jean-Sébastien Béreau tem desenvolvido uma intensa carreira internacional como maestro. Foi titular das Orquestras de Metz e Rouen, bem como dos Cantores de São Eustáquio, em Paris, e da "Chorale Strassbourgeoise", em Estrasburgo. Dirigiu algumas das mais prestigiosas orquestras em Paris, Moscovo, Bruxelas, Luxemburgo, Lisboa, Roma, Manila, Taipei, entre outras. Dirigiu a "Orquestra dos MF", composta de mil músicos escolhidos entre os solistas de todas as principais orquestras francesas. Colaborou com solistas como Aldo Ciccolini, Samson François, Pierre Barbizet, Robert Casadesu, Paul Barbura Skoda, Philippe Entremont, Tatiana Nicotescu, Yvonne Loriod, Roger Muraro, Maria João Pires, Pierre-Laurent Aimard, Jean Guillea, Yuri Bashmet, Jean-Pierre Rampal, Pierre-Yves Artaud, Pascal Monorgues, Maurice André, Maurice André, Tanny Coorn, Bernard Soustrot, Régine Crespin, Nicolas Godin, entre muitos outros. Entre os seus numerosos alunos de Direção de Orquestra figuram maestros como Pascal Verrot, Pascal Rogbi, Vincent Barthe e Martin Lebel.

Além de várias condecorações francesas, entre as quais a "Ordre du Mérite", foi-lhe atribuído o Prémio de Composição da Fundação americana W. and N. Copley. Actualmente, assume direcção de orquestra no Conservatório Nacional de Região de Lilla.




## FICHA TÉCNICA

<b>ENTREPAUTAS</b>	Revista Anual do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga Nº 5   ano letivo 2014/2015
<b>Diretor</b>	João Tiago Magalhães jornaldamusica@gmail.com
<b>Conselho Editorial</b>	Alexandra Vieira, Anabela Fernandes, António Mendes, Nívea Pinheiro
<b>Fotografia</b>	Alexandra Vieira, Ana Barros, Carlos Domingues, Joana Mafalda Araújo, Luís Braga Simões, Paulo Nogueira
<b>Revisões</b>	Anabela Fernandes, Carlos Pinto, Nívea Pinheiro
<b>Projeto gráfico</b>	Alexandra Vieira
<b>Capa</b>	Isabel Caldeira
<b>Propriedade e Edição</b>	Escola Artística do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga
<b>Contactos</b>	Rua Fundação Gulbenkian, s/nº, 4710-394 Braga T +351 253 600 540 F +351 253 600 549 geral@conservatoriodebraga.pt www.conservatoriodebraga.pt
<b>Depósito Legal</b>	
<b>Tiragem</b>	300 exemplares
<b>Data edição</b>	maio 2015
<b>Impressão</b>	Empresa do Diário do Minho, Lda. - Braga

Apoio



Mecenas

**dstgroup**  
building culture

**dstgroup**  
building culture

Somos, intensamente, em construção.  
Construímos paixões, construímos ideias e construímos cultura.  
Porque a cultura não é a redutora expressão de um povo, de uma forma de estar e de ser.  
A cultura é esse povo, a cultura é identidade, a cultura é constante construção.  
Não é fácil definir uma alma nem ouvir o que fala o nosso coração, mas, neste grupo, somos o que fazemos:  
Uma cultura de construção que constrói cultura.

Engenharia & Construção •  
Ambiente •  
Telecomunicações •  
Energias Renováveis •  
Ventures •  
Imobiliário •

[www.dstgps.com](http://www.dstgps.com)

